



UniCEUB - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE JORNALISMO
PROFESSOR ORIENTADOR: LUIZ CLÁUDIO FERREIRA

IVAN BRANDÃO DA SILVA CAVALCANTE
21231679

**Nas ondas dos 50 anos do golpe militar: memória, contexto e relevância.
Análise de série de reportagens da rádio BandNews FM em relação às
estratégias de produção**

BRASÍLIA

2014

IVAN BRANDÃO DA SILVA CAVALCANTE

Nas ondas dos 50 anos do golpe militar: memória, contexto e relevância.

**Análise de série de reportagens da rádio BandNews FM em relação às
estratégias de produção**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professor Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2014

IVAN BRANDÃO DA SILVA CAVALCANTE

**Nas ondas dos 50 anos do golpe militar: memória, contexto e relevância.
Análise de série de reportagens da rádio BandNews FM em relação às
estratégias de produção**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professor Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, de junho de 2014

Banca examinadora

Professor Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Vivaldo Reinaldo de Sousa
Examinador

Cláudio Marcos da Silva
Examinador

BRASÍLIA
2014

AGRADECIMENTO

Ao professor Luiz Cláudio Ferreira pela orientação mas, mais ainda, pela amizade e oportunidades.

Ao jornalista e mestre Cláudio Marcos pelo mote dado a esse trabalho e pelos puxões de orelha na redação.

Á minha mãe, Martha, por ser minha fã número um desde sempre.

Ao meu pai, José Cláudio, que, onde quer que esteja, sei que está vibrando por mim.

E à Camila Bandeira, mulher da minha vida.

“Leio o jornal que é de ontem
Pois pra mim, tanto faz”

(BIQUINI CAVADÃO, Tédio. Polygram: 1986)

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso tem como o objetivo analisar série de reportagens sobre os 50 anos da ditadura militar, produzida pela Band News, a fim de avaliar recursos utilizados para tratar do passado e manter os fatos considerados velhos, atuais, com o objetivo de mostrar que não é porque um acontecimento é velho que ele deixa de ser atual. Nas próprias teorias do jornalismo que atestam que o fator tempo é que dita o ritmo da produção de notícias e que o tempo do fato é um dos itens de maior relevância para justificar sua noticiabilidade, encontramos argumentos para questionar tal valor. A atualidade não deixará de ser um aspecto importante para os veículos noticiosos, por isso, não iremos contestá-la como fator que define o grau de noticiabilidade de determinado acontecimento e, sim, propor a sua quebra quando aplicadas a interpretação e o contexto na construção da narrativa jornalística. A série de reportagens da rádio BandNews FM Brasília, “50 anos do golpe: os filhos da ditadura”, que foi analisada, apresenta elementos de observação. Com a análise, foi possível compreender como as reportagens utilizaram aspectos históricos como recurso de aparentar o “novo”.

Palavras chave: **Noticiabilidade, Ditadura Militar, Rádio.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. GÊNEROS JORNALÍSTICOS, A NOTÍCIA E A REPORTAGEM	10
2. CONTEXTO E RELEVÂNCIA NO JORNALISMO.....	14
3. INTERPRETAÇÃO NO JORNALISMO.....	16
4. JORNALISMO DE RÁDIO, HISTÓRICO E DEFINIÇÕES.....	20
4.1 A CONSTRUÇÃO DO TEXTO E A REPORTAGEM DE RÁDIO.....	23
4.1.1 O OLHO DO OUVINTE	26
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
6. ANÁLISES E RESULTADOS.....	30
6.1.1 “50 ANOS DO GOLPE: OS FILHOS DA DITADURA” EM NÚMEROS	366
7. CONCLUSÃO	377
REFERÊNCIAS.....	399

INTRODUÇÃO

Embora passível de análises em diversos campos - filosófico, conceitual, científico – algumas características do campo do jornalismo são inerentes a qualquer gênero textual. As interseções existentes nas teorias já difundidas podem nos ajudar a ter uma ideia mais concisa daquilo que é, de fato, a atividade. Este trabalho tem como o objetivo analisar série de reportagens sobre os 50 anos da ditadura militar, produzida pela Band News, a fim de avaliar recursos utilizados para tratar do passado e manter a atualidade como critério de noticiabilidade.

O trabalho nasce com a premissa profissional de que os principais papéis do jornalismo são informar e educar. Como conceito, o autor brasileiro Luiz Beltrão define o jornalismo como a “informação de ideias, situações e fatos atuais, interpretados à luz do interesse coletivo e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (1976, p. 27). Aqui, guardaremos apenas dois termos chaves para analisar nosso objeto: “fatos atuais” e “Interpretados”.

Felipe Pena, em “Teoria do jornalismo” (2005), cita quatro características dos jornais modernos, a publicidade, universalidade, periodicidade e atualidade. Embora nesta definição a interpretação não seja incluída, a atualidade continua pautando a face do jornalismo moderno em uma teoria distinta, quase 30 anos depois.

No campo da filosofia, Beltrão (1976) descreve a “informação da atualidade” (1976, p. 11) como essência do jornalismo. No campo conceitual, ele define a interpretação como uma das características básicas do jornalismo. Vemos a atualidade não só como uma característica conceitual, como também filosófica. E, novamente, a alusão à interpretação como algo significante para a análise de nosso objeto.

Mas o que é interpretar um fato? Existe diferença entre a mensagem emitida e a recebida quando se há uma necessidade de análise e seleção crítica de tal fato para transformá-lo em “matéria jornalística”?

Beltrão distingue a ausência e a presença de interpretação em um determinado fato. O **jornalismo extensivo**, que se tem quando “há a predominância da informação, sem preocupação de análise, produzido sob a pressão do tempo e do

espaço...” (1976, p. 48), e o **jornalismo intensivo**, que embora ainda atenda, entre muitos outros, pelos conceitos de atualidade e periodicidade, “é exercido à base da reflexão, cujos temas e matérias são selecionados e as informações transmitidas do modo mais completo possível em profundidade...” (1976, p. 48).

O jornalismo interpretativo, veremos mais ao longo do trabalho, é o que dita a construção da reportagem, que diferentemente da notícia, demanda aprofundamento, análise, contexto. A diferença entre os gêneros também será abordada.

Vivemos em uma era digital em que os meios de comunicação travam uma corrida frenética pelo “furo”, pela informação em “primeira mão”. É difícil dizer que acontecimentos que ocorreram no passado sejam relevantes dias, meses e até anos após a suas publicações.

Mas isso é o que iremos propor: uma reflexão acerca dos valores-notícia, quando se tem a “atualidade” como aquilo que caracteriza o que vale ser noticiado em praticamente todas as definições de critérios de noticiabilidade pesquisadas.

Analisaremos a série de reportagens “50 anos do golpe, os filhos da ditadura”, da rádio BandNews FM Brasília, escrita e produzida pelos repórteres Lucas Scherer e Natália Godoy.

Seguiremos uma sequência de conceitos, explicando o que é a interpretação no jornalismo, o que é uma reportagem, o que é o contexto dentro do jornalismo, o que são critérios de noticiabilidade e o que é o princípio da relevância. A teoria do agendamento também será abordada neste trabalho. O objetivo geral do trabalho é o de analisar reportagens de rádio sobre o marco dos 50 anos do golpe militar de 1964 e identificar como aspectos históricos e da memória são empregados para tornar o assunto atual ou novo. Como ação específica, o presente trabalho reflete sobre os critérios de noticiabilidade em um cenário midiático em que as notícias são descartáveis.

1. GÊNEROS JORNALÍSTICOS, A NOTÍCIA E A REPORTAGEM

Felipe Pena (2005) diz que o objetivo de classificar o texto jornalístico quanto ao gênero é simplesmente facilitar a análise de discurso, tipologias e funções de cada narrativa. Mas quando diz que “tanto os critérios como as classificações terão múltiplas funções” (p. 66), reconhece que não existe unanimidade entre os autores na hora de pontuar os gêneros.

Em seu estudo apresentado no 33º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e publicado no compilado *Gêneros Jornalísticos: teoria e práxis* (2012), José Marques de Melo cita cinco gêneros legitimados: informativo, que é o relato dos acontecimentos. O opinativo, pautado pelas denúncias e críticas. O interpretativo, que será desmembrado mais à frente, o utilitário, baseado nos indicadores econômicos e o diversional, que são as informações literárias.

Falando de rádio, podemos recorrer a Barbosa Filho, citado por Clóvis Reis, em seu estudo sobre a identificação e classificação dos gêneros jornalísticos no rádio a partir das características da linguagem radiofônica. No qual se propõe uma classificação específica quanto aos gêneros nesse veículo. A divisão identifica gêneros distintos: jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e especial. Barbosa Filho (apud REIS: MELO, JOSÉ MARQUES DE. LAURINDO, ROSEMÉRI. DE ASSIS, FRANCISCO (ORG.). *Gêneros Jornalísticos, teoria e práxis*. Blumenau: Edifurb, 2012.)

O gênero jornalístico se divide em nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, debate, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica. Barbosa Filho (apud REIS: 2012)

Naquele que é o relato dos acontecimentos, descrito por Marques de Melo como o informativo, as construções são parecidas. Ele insere quatro construções: nota, notícia, reportagem e entrevista. Embora distintos, todos com o mesmo propósito. Para Nilson Lage, em *Teoria e Técnica do Texto Jornalístico* (2005), esse gênero é portador de dados, não pode ter qualquer outra intenção que não seja a de informar.

Em *Jornalismo: matéria de primeira página* (1986), Luiz Amaral define a notícia como a matéria-prima do jornalismo. É dela que provém as outras construções textuais. Mesma lógica seguida por Marques, que nos ajuda a diferenciar a notícia da reportagem quanto a progressão dos acontecimentos (fatos),

“A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração[...] A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social”. Marques de Melo (apud AMARAL: *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*, p. 65).

Temos aqui a ideia clara de que a reportagem então, deriva da notícia conforme os fatos sucedem.

Para sintetizar, Pena (2005) cita o professor João de Deus Corrêa que propõe uma série de distinções pontuais e que nos ajudam a entender o que é o quê.

A notícia apura fatos, a reportagem lida com assuntos sobre fatos. A notícia tem como referência a imparcialidade, a reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação. A notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais, a reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento, aprofunda. (p. 76)

Então se existe uma temporalidade na hora de classificar determinada construção textual dentro do gênero informativo, fica evidente que a notícia, como conceito, é sempre publicada antes de uma reportagem sobre o mesmo assunto. E se há uma sucessão de fatos, podemos dizer que a notícia de hoje, não será a notícia de amanhã, assim como podemos afirmar que fazer uma reportagem demanda tempo.

Não só tempo, mas capacidade do repórter. Luiz Amaral (1986) define requisitos para o repórter que redige uma reportagem: capacidade intelectual, observação atenta, sensibilidade, criatividade e narração fluente. Já para a produção da notícia, bastam a técnica para redigir e a noção do que é valor-notícia.

1.1 Critérios de Noticiabilidade e o tempo da notícia

E como decidir o que é notícia e, por consequência, aquilo que poderá se tornar uma reportagem? Para isso utilizam-se critérios, que assim como os utilizados para classificar os textos jornalísticos quanto ao gênero, possui várias versões. Pena

(2005, p. 71) cita o professor Mauro Wolf que chama de noticiabilidade, “a capacidade que os fatos têm, ou não de virar notícia”.

Logo, quanto maior o grau de noticiabilidade, maior a chance daquele acontecimento ser noticiado, publicado. O professor propõe o que chamamos de valores-notícia. Ele divide tais valores em cinco categorias: substantivas, relativas ao produto, relativas ao meio de informação, relativas ao público e relativas à concorrência. Por isso mesmo, os critérios de noticiabilidade variam de acordo com o veículo, com o local, com a realidade de cada região. E as características que fazem de um fato notícia são diversas. Exemplos: brevidade, novidade, interesse público, exclusividade, excepcionalidade, quantidade de pessoas envolvidas, importância das pessoas envolvidas e atualidade ou imediatismo.

Esse último,

Definido como um conceito temporal que se refere ao espaço de tempo (dias, horas, segundos) que decorre entre o acontecimento e o momento que a notícia é transmitida, dando existência a esse acontecimento”. (TRAQUINA: 2005, p. 37).

O pensamento de Luiz Amaral, anterior a Traquina ajuda a complementar o pensamento. Ao invés de tratar de critérios de noticiabilidade, ele destaca o que seriam esses critérios como elementos e qualidades da informação e cita Carrol Warren (1960), que isola oito aspectos fundamentais para qualificar uma informação: Imediatismo, proximidade, importância, transmissibilidade, conflito, suspense, emoções e consequência.

Amaral, então, coloca o interesse humano, que para Wolf é um dos critérios de noticiabilidade, como o principal critério na hora de se noticiar determinado acontecimento.

O interesse humano é, antes de tudo, da natureza sentimental: precisamos sentir para compreender. Para ser compreendido pelo público, o repórter deve partir daquilo que ele conhece bem e falar a linguagem do coração. Isto significa que ele precisa descobrir na notícia um ponto de interesse, de contato, uma precha que sirva para atrair o espírito do leitor. Wolf (apud AMARAL, 1986, p. 42). Sampaio (apud ORTRIWANO, 1985, p. 13)

Ele coloca o próprio leitor como o primeiro em uma escala de interesses humanos. “Em geral, os homens só se interessam por eles mesmos”. O professor

Nelson Traquina, conta que o fator tempo é que condiciona todo o processo de produção das notícias. Ele afirma que o valor do imediatismo reina incontestável na hora em que se insere a noticiabilidade de um acontecimento em um fato.

Para ele, “o valor do imediatismo leva ao reforço da importância da capacidade performativa dos jornalistas de uma empresa na montagem da cobertura” (TRAQUINA: 2005, p.37). O que significa que, quanto mais rápido um acontecimento é noticiado, maior é a possibilidade de que possam haver falhas na apuração jornalística. Quanto mais atual, maior deve ser o cuidado do jornalista ao lidar com os fatos. Essa ideia também amplia a necessidade de interpretar os fatos e não somente divulgá-los.

Embora existam critérios ligados à questão temporal (atualidade, imediatismo, exclusividade, que seria a corrida pelo “furo”) muitos deles se atêm a aspectos sociais, geográficos e políticos. Voltando à Wolf e sua escala de valores notícia, ele coloca a Categoria Substantiva como a mais óbvia dentro do jornalismo. Nela estão os critérios Importância dos Envolvidos, Quantidade de Pessoas Envolvidas, Interesse Nacional, Interesse Humano e Feitos Excepcionais. Nenhum deles ligado ao tempo do fato.

A atualidade está inserida dentro da Categoria Relativa ao Produto e se refere aos conceitos jornalísticos, um deles, já exposto na introdução do presente trabalho e exposta por Pena (2005), de que a atualidade é uma das quatro características dos jornais modernos. Interessante notar que uma característica desta grandeza não é vista como algo óbvio ou à frente do interesse humano na hora de se escolher o que é notícia.

O que é mais importante afinal? O interesse humano, do leitor ou a proximidade do tempo em que determinado fato ocorreu? Vale ressaltar que atualidade não é o mesmo que novidade, “A novidade nem sempre é atual e a atualidade nem sempre é nova” (PENA: 2005, p.39). O autor analisa, no livro “A prática da reportagem”, de Ricardo Kotscho, e conclui que o velho pode ser atual e que “a temporalidade não se refere ao fato, mas á forma como é transmitido, ou melhor, mediado. É o instante da mediação que realmente conta. Um ótimo pilar para sustentar a proposta desse trabalho. Se o velho pode ser atual, o velho também é notícia.

2. CONTEXTO E RELEVÂNCIA NO JORNALISMO

A análise dos critérios de noticiabilidade nos dá a base para sustentar a proposta. A análise da interpretação e da necessidade de se publicar informações mais aprofundadas nos dá o plano em que a proposta será aplicada, no campo das reportagens. Mas para questionar um valor notícia é necessário analisar o contexto.

Vimos que o tempo é um valor notícia. Mas esse valor pode se dar de maneiras diferentes como propõe Nelson Traquina: “Em primeiro lugar, o fator tempo é um valor notícia na forma da atualidade”. (2005, p. 81) Ou seja, é a definição sobre a qual o trabalho se baseou para propor a quebra do valor em questão. Mas,

Em segundo (lugar), o próprio tempo (a data específica) pode [...] justificar a noticiabilidade de um acontecimento que já teve lugar no passado, mas nesse mesmo dia. É a efeméride – o próprio tempo é utilizado como “News peg”, por exemplo os aniversários. Há um ano, há dois anos, há vinte anos isto aconteceu e publica-se hoje uma notícia sobre esse acontecimento”. (2005, p.81).

Em resumo, o próprio fator tempo, que é dado como valor notícia na forma de atualidade também é usado para justificar o fato de que o jornal vai falar de novo sobre determinado assunto.

O Moderno Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis, define contexto como um encadeamento de ideias de um escrito, um argumento. O Houaiss o define como a inter-relação de circunstâncias que acompanham um fato ou uma situação. Para Ricardo Noblat, “fora de contexto, um fato pode não ter importância. Ou pode ganhar uma importância que não tem”. (2002, p. 72). Para ele, o jornalista não pode partir do pressuposto que todos os leitores sabem ou tem conhecimento de todas as notícias publicadas, por isso a importância de contextualizar, trazer o leitor para o universo do que está sendo noticiado.

Para Noblat, o fato tem memória, o que não significa que cada notícia deva se tornar uma aula de história. Ela deve “conter a memória completa das notícias anteriores sobre o mesmo assunto [...] caso contrário se tornará ininteligível para o leitor de primeira vez” (2002, p. 74). É parte do exposto na introdução desse

trabalho. Será um fato velho, irrelevante para aquele que ainda não teve conhecimento de tal? Noblat respondeu. E se a reportagem é dada por Marques de Melo como uma sucessão da notícia. A notícia, mesmo que escrita com o lide (onde a ordem das informações obedece a uma escala de importância e não cronológica), pode ser tida como uma sucessão de acontecimentos, uma vez que a memória do fato desencadeado deve acompanhar qualquer fato novo relativo àquele assunto ou o leitor se perderá. Não se publica a notícia de que o golpe militar completa 50 anos sem publicar(responder) o que foi, como foi, porque foi e onde foi. As perguntas não são respondidas se o jornalista não contextualizar e ele não contextualizará se não interpretar, aprofundar. O que significa que ao velho se recorre para trazer o novo.

Dentro do contexto, Nilson Lage classifica a informação em dois grupos: “aquelas que não se relacionam com informações já disponíveis na memória, e aquelas que se relacionam com informações disponíveis na memória, gerando informações novas” (Teoria e Técnica do Texto Jornalístico, 2005, p. 100). Essas que se relacionam ele classifica como relevante. Logo tudo aquilo que é relevante precisa estar ligado à memória, ao velho. Mais uma vez, uma definição que exige o fato de ser atual para ser relevante. “Informações que não permitem a inferência de informação nova quando combinadas com dados da memória são geralmente abandonadas”. (p. 100). É o princípio da relevância.

3. INTERPRETAÇÃO NO JORNALISMO

O lide tradicional colocou o jornalismo em uma estrutura que hierarquizava as informações sem dar espaço para a profundidade que uma reportagem pede. A interpretação, herdeira do new journalism americano, impunha uma maior liberdade para se contar a história, com estilo mais semelhante ao literário. Termo cunhado por Beltrão e repetido por outros autores, como Marques de Melo (2011), o jornalismo interpretativo deve se basear na informação, mas cercada por contextos e aprofundamentos, que conduziriam a um gênero mais complexo.

Em “A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística”(2001), Nilson Lage, ao diferenciar a reportagem da notícia, fala exatamente sobre este aprofundamento, elas “conteém, em geral, graus diferentes de profundidade no trato do assunto. A notícia é mais breve, sumária”. Ao mesmo tempo, Beltrão diz que o jornalismo interpretativo é “um jornalismo de profundidade, à base da investigação[...] um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade a fim de que a massa a interprete”.

Veja que sempre que as definições de notícia remetem sempre a um imediatismo e que, tanto as definições de reportagem como as definições de jornalismo interpretativo remetem a um aprofundamento que, mesmo ainda sem a quebra da atualidade, exige do jornalista o exercício da análise para que a informação chegue ao seu receptor da forma mais completa possível.

Temos portanto, a ideia de que o modelo de jornalismo, baseado na era digital, onde o consumo da notícia enquanto produto demanda uma velocidade acelerada de sua emissão pelos meios de comunicação, é baseado no jornalismo extensivo.

Beltrão define que quando essa análise reflexiva e a seleção crítica, fatores que compõem o jornalismo intensivo, sejam transformados em matéria para divulgação, temos aí a própria “interpretação jornalística”, a qual ele qualifica como um “exercício da inteligência e do discernimento de um agente qualificado(jornalista), com excepcional aptidão para apreender toda a significação do fato para a comunidade”.

Mas, embora adaptados a essa nova era da comunicação, os veículos ainda abrem espaço para a prática do jornalismo extensivo, mesmo naqueles onde a atualidade, ou até mesmo a instantaneidade, pautam seu cardápio de notícias, como o rádio e a internet.

E para se fazer jornalismo interpretativo, também se demanda técnica. O processo de elaboração dessa mensagem, interpretativa, é dado em duas etapas, aqui expostas de forma resumida:

1) Identificação do fato jornalístico

Objeto de trabalho no jornalismo é o fato, a ideia, a situação. É, segundo Beltrão, o núcleo da informação, captado diretamente pelo órgão jornalístico. Mesmo se tratando de um gênero interpretativo do jornalismo, os critérios de noticiabilidade se mantêm os mesmos. Esses critérios, são utilizados, também, dentro do jornalismo interpretativo para determinar o que é mais importante e interessante para o público. Para isso, Bernaldo Torroba, em *La información Y el periodismo*, adota uma escala de valores para as notícias. Veja que aqui, não estamos falando de valores que determinam o que é a notícia e, sim, valores que se podem incluir as notícias já consolidadas.

A escala tem três valores, o Absoluto, que “é aquele que pode ter a notícia por si mesma”. O valor intrínsecamente relativo, “que é proporcionado por um detalhe, um matiz que lhe dá um inesperado relevo”, algo novo que não existia antes, e o valor extrínsecamente relativo, cujo o “interesse depende das circunstâncias em que se encontre um maior ou menor número de leitores(receptores) para os quais a notícia é fundamental”.

Ao se fazer jornalismo interpretativo, Beltrão diz que a primeira coisa a ser feita é identificar aquelas que tem valor absoluto. Por si mesmas. O que, de certa forma, abre uma subjetividade para inserir aquela notícia em determinada escala de valor. E que, em seguida, sejam identificadas as notícias em “uma gradação estabelecida pela proximidade do tempo, proximidade no espaço, número e qualidade de pessoas envolvidas e valor material e/ou ideológico” (1976, p. 73).

Veja que mesmo que a proximidade no tempo tenha sido citada primeiro e como um dos parâmetros principais para que se identifique o valor de uma notícia,

no jornalismo interpretativo, esses critérios entram em seguida aos de valor absoluto. O principal valor ainda é subjetivo, ainda é aquilo que a própria notícia representa, independente de outros critérios para sua seleção. Aqui, ainda em uma breve explanação do que é o jornalismo interpretativo, já temos o início da quebra de um valor notícia, o que será proposto adiante.

2) A documentação da ocorrência.

Após a identificação do objeto, a maioria dos veículos, novamente pautados pela prática do jornalismo extensivo, publica as notícias para informar o seu leitor, atendendo aos critérios já citados de atualidade e periodicidade. Mas é agora, que o jornalista se aprofunda no seu objeto, dentro de um modelo de jornalismo intensivo. Primeiro é feita uma “decomposição da ocorrência” e, em seguida, a investigação do valores vistos acima para que a informação seja estruturada.

A decomposição da ocorrência se dá através do conhecimento que se tem dos fatos da análise das fontes. Se a prática extensiva nos permite apenas divulgar os fatos, as notícias, a prática intensiva nos permite avaliar o bem social ou político daquela informação e seus efeitos no público.

Todo jornalista deve responder em seu texto as cinco perguntas básicas que ditam a profissão (Quem? Que? Quando? Onde? Por quê?). Essas respostas, ainda que estruturam uma notícia consumível, ainda deixam “ruídos, que sufocam, obscurecem ou tergiversam aspectos e valores inerentes” (1976, p. 80) àquele fato ou situação, segundo Beltrão. E é aí que entra uma terceira pergunta: com que efeitos? E são nesses elementos, origens e causas (o porquê), e os efeitos, proposto por Beltrão, que necessitam de uma atenção especial, no que ele chama de investigação exaustiva para que a mensagem não se afaste da realidade. Essa decomposição da ocorrência no modelo de jornalismo interpretativo é então aquilo que faz com que os vazios deixados pela notícia pura e sem análise sejam cobertos graças a investigação, apuração e uma oitiva das fontes mais profunda.

Já essa “investigação dos valores e aspectos opacos da ocorrência e a sua coleta para a estruturação do corpo da informação” (1976, p. 81), descrito por Beltrão, completa a fase de documentação. Com os vazios da informação preenchidos e terminado o trabalho de investigação, Beltrão afirma que o jornalismo

interpretativo aplicado na situação tem todas as peças para que se estruture a informação.

4. JORNALISMO DE RÁDIO, HISTÓRICO E DEFINIÇÕES

Em algum ponto da minha graduação, enquanto ainda não decidira que caminhos trilhar dentro do jornalismo, ouvi uma frase solta. Por isso, peço perdão por desconhecer a fonte. O conteúdo da frase dizia que se o profissional de jornalismo deseja fama, ele deve fazer televisão. Se o profissional deseja o glamour da profissão, ele deve partir para o impresso. Mas que se o profissional quer ter prazer naquilo faz, ah! Então ele deve fazer rádio.

Considero o rádio uma vítima. Afinal, há muito tentam “assassiná-lo”. O próprio vice-presidente da BBC, Lorde Ryder de Wensum, chegou a ser abordado por um destes “assassinos”. No prefácio que leva a sua assinatura, na obra Fundamentos do Radiojornalismo de Paul Chantler e Peter Stewart, Wensum descreve sua experiência.

Há trinta anos um figurão advertiu-me de que estávamos lidando com uma mídia condenada à morte, vítima da popularidade da televisão, a qual se encontrava em vertiginosa expansão. Desde então, jovens talentosos, com ambição de se tornarem radialistas, têm seguido uma certa tendência de migrar para a televisão; seduzidos pelo status que ela oferece graças ao culto à celebridade. (CHANTLER e STEWART, 2003)

Mas antes mesmo do advento da televisão, o rádio foi inventado e precisou ser reinventado ao longo dos tempos e, talvez, continue se reinventando até hoje. Interessante notar que algo que, hoje, se estuda dentro das ciências sociais começou de uma experiência com eletricidade, física pura. Mas entre os avanços da telefonia e da radiodifusão e o rádio dos tempos atuais ou, entre “o” rádio e “á” rádio, muita coisa mudou, menos as teorias sobre quem é o “pai” desse veículo.

Há um mistério quanto a invenção, quanto à primeira transmissão, quanto à primeira estação, quanto às datas em que os feitos ocorreram. E muitos autores trazem a questão à tona mas preferem deixar de lado a discussão.

O professor de física, James Clerk Maxwell, em 1863, conseguiu mostrar como a eletricidade se propagava sobre forma de vibração ondulatória. (JUNG, 2004, p. 23) Outros tantos utilizaram essa teoria e nem mesmo sabe-se se Maxwell foi o primeiro. Entre muito nomes, Milton Jung dá atenção especial em sua obra para o padre Landell de Moura, conhecido por ter construído o primeiro transmissor sem

foi para transmissão de mensagens, em 1892, e por ter feito a primeira transmissão por meio de ondas hertzianas, em 1894, em São Paulo. Mas Landell só teria seu mérito reconhecido após sua morte, em 1928.

As perguntas “quem?” e “onde?” também podem ficar sem resposta quanto ao início do rádio no Brasil

O Rio de Janeiro é considerada a primeira cidade brasileira a instalar uma emissora de rádio. Antes disso, porém, experiências já eram feitas por alguns amadores, existindo documentos que provam que o rádio, no Brasil, nasceu em Recife, no dia 6 de abril de 1919, quando, com um transmissor importado da França, foi inaugurada a Rádio Clube de Pernambuco por Oscar Moreira Pinto, que depois se associou a Augusto Pereira e João Cardoso Ayres. Sampaio (apud ORTRIWANO, 1985, p. 13)

Ainda que com discussão, é necessário reconhecer que o início do rádio no Brasil se confunde com a história de Edgar Roquette-Pinto. Em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro é fundada. E, apesar de seu cunho educativo, que contava com exposições de óperas, recitais de poesia e palestras, Roquette-Pinto sempre acreditou que o rádio, um dia, se transformaria em um meio de comunicação de massa. (ORTRIWANO, 1985).

Ideia que de, de fato, poderia ser questionada à época. Já que, segundo Ortriwano, o rádio nascia ali, “como meio de elite, não de massa, e se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores”. (1985, p. 14)

Um cenário bem diferente de hoje, quando em uma análise pessoal, podemos classificar o rádio como o bem de consumo entre os meios de comunicação mais baratos e acessíveis. Basta que julguemos os preços das televisões com os canais de notícias pagos, para quem busca uma programação mais segmentada. Ou em quanto se gastaria com jornais de papel ao longo dos anos ou, ainda, quanto se paga por um provedor de internet ou operadora de telefonia para acessar um site de notícias na internet quando você quiser. Para ter informação no rádio, basta ter um aparelho que reproduza as ondas. E esses, em qualquer camelô, saem bem mais em conta.

Isso para mostrar que se o receptor quer ter acesso às notícias em qualquer momento, de forma gratuita, e em qualquer lugar é o rádio que vai lhe oferecer isso. Ainda que, voltando a Maxwell, a notícia só chegue ao ouvinte por causa de um experimento passado utilizando a eletricidade, dela o rádio não precisa para funcionar. E essa simplicidade do veículo, aliada ao fácil acesso, é explicada por Paul Chantler e Peter Stewart, em Fundamentos do Radiojornalismo, que ainda citam outra característica não citada acima: a velocidade com que o receptor vai ter acesso a uma informação.

Por exigir pouco aparato tecnológico, uma notícia pode ir ao ar em segundos, sendo transmitida à medida em que o fato se desenrola. O rádio trabalha melhor com notícias que requeiram uma reação rápida. Há uma flexibilidade que não existe em nenhuma outra mídia [...] qualquer um pode fazer uso do maior bem que o rádio proporciona: rapidez e simplicidade. (CHANTLER e STEWART, 2003, p. 9 e 10)

Á Roquete Pinto, atribui-se o reconhecimento pelas primeiras notícias veiculadas no rádio brasileiro, na mesma Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Ainda que o noticiário não ocupasse a maior parte da programação, o veículo já possuía um jornal diário, em um modelo ainda arcaico, onde o que se fazia, era uma leitura das manchetes e das notícias que estavam publicadas no meio impresso. Outros modelos surgiram ao longo dos anos. A programação do rádio mostrou evolução. Vieram as radionovelas, as transmissões esportivas e as programações exclusivamente musicais, por exemplo. Essas últimas, influenciadas pelo advento da televisão.

E com um novo meio de comunicação, formado por muitas pessoas que deixaram o rádio provocou uma necessidade de mudança na programação. E daí vemos que o rádio continua evoluindo. Com a grande concorrência, o jornalismo ganhou força nas ondas.

O objeto da análise é um produto noticioso da Rádio BandNews FM Brasília, que se define como “a primeira rede brasileira de emissoras de rádio em FM com jornalismo 24 horas no ar”. A proposta da rádio difundida, inclusive, nos próprios espaços de intervalo na programação, é levar informação de credibilidade. Na área intitulada “quem somos” no site da rádio na internet, o veículo se caracteriza como uma rádio ousada, inovadora e com bom humor. A rede BandNews FM é formada

por redações em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba e Fortaleza. Com o lema “em 20 minutos, tudo pode mudar”, a rádio intercala o noticiário nacional com o noticiário local de cada uma das praças a cada 20 minutos.

A programação abre espaço para colunistas diversos e programas sobre qualidade de vida, comportamento e finanças.

O presente trabalho versa sobre a possibilidade de que a atualidade como um valor-notícia difundido por tantos teóricos pode ser questionada na hora de se produzir conteúdo noticioso. O que parece um disparate pode soar mais estranho ainda quando tentamos fazê-lo analisando o rádio e seus produtos de comunicação. E quando se fala rádio, pensamos em agilidade, rapidez, instantaneidade, o agora. Consequentemente, o atual.

Mas a obra de Gisela Ortriwano ajuda a entender que tais características presentes no veículo são diferentes das mesmas características presentes nos produtos(notícias). Quando se fala em imediatismo, Gisela relaciona esse conceito ao aparato técnico necessário para se transmitir algo. Quando falamos em instantaneidade, ela relaciona esse conceito ao fato de que para ter acesso a informação, o receptor precisa ter acesso à mensagem no momento em que ela é transmitida (1985, p. 80), diferente de um jornal impresso, que pode ser consumido horas, dias e até anos depois de sua publicação.

Já as mesmas características (imediatismo e instantaneidade) aplicadas a um produto, recebem outras conotações e são relacionadas à quando a mensagem será emitida e não como.

4.1 A CONSTRUÇÃO DO TEXTO E A REPORTAGEM DE RÁDIO

A linguagem do rádio é sempre direta, sucinta. Não se põe nada entre vírgulas. Chantler e Stewart consideram que no radiojornalismo não há lugar para complexidade. “uma frase cheia de meandros, uma expressão ambígua, uma sentença gramaticalmente descuidada ou uma sequência ilógica de eventos são fatais” (2003, p. 47).

Assim como em outros veículos, o texto é primordial para um bom jornalismo mas, no rádio, a notícia é falada e, por isso, é necessário relatá-la de forma que os ouvintes entendam. (2003, p.47).

Por isso, o modelo criado por Roquette Pinto, de leitura das manchetes e notícias publicadas em veículos impressos, apesar de ser prática, acabou inviável. O texto do rádio não pode ser o mesmo do impresso, ou da televisão. A professora e jornalista Clecy Ribeiro, ao dar uma aula de redação no curso de jornalismo das Faculdades Hélio Alonso, no Rio de Janeiro, em 2009, deu um exemplo que não esqueço: se o repórter de rádio, ao ver a rainha da Inglaterra desembarcando de um avião, precisasse relatar a maneira como ela estava vestida, ele diria algo mais ou menos como “A rainha da Inglaterra desembarcou do avião trajando um vestido roxo de bolinhas amarelas e um grande chapéu de cor azul”. Já o repórter da Tv se limitaria a dizer “A rainha da Inglaterra desembarcou do avião vestida de forma extravagante” afinal, o telespectador já está vendo a imagem da rainha.

O mesmo ocorre no impresso pelo simples motivo de que a leitura de fatos ocorridos no dia anterior já não chamava a atenção nem mesmo dos leitores. Na opinião de Jung, “erro provocado pela falta de pessoal, de tempo, de criatividade e de vergonha na cara”. (JUNG, 2004, p. 19). A fala de Milton pode ir contra a proposta do presente trabalho ao nos fazer pensar, mais uma vez, que o “ontem” não tem espaço no noticiário de hoje. Mas talvez o radiojornalismo praticado no início do século passado ainda não fizesse o uso do contexto e do gancho, em sua forma, ainda se estruturando como produto de rádio. Ou talvez a distinção entre o imediatismo, tempo do fato e o imediatismo, tempo do veículo ainda não tivesse sido desmembrada.

Tanto é, que hoje podemos apreciar produtos como a série de reportagens, objeto de análise deste trabalho, no rádio moderno. Aplicando-lhe uma série de conceitos acerca do contexto e da memória do fato. Apesar de tal produto noticioso ser viável, o modelo do impresso aplicado ao rádio é utilizado até hoje em muitas redações.

O Grande Jornal Falado Tupi reproduzia a estrutura comum à imprensa escrita. No início, a identificação do noticiário como o cabeçalho de um periódico impresso. Depois, com a marcação da sonoplastia, as manchetes a reproduzir a capa de um jornal. Seguiam-se as notícias agrupadas em blocos – política, economia,

esportes...- tal qual faziam os diários com suas editorias. Qualquer semelhança com os programas jornalísticos de rádio dos tempos atuais não é mera coincidência. A fórmula implantada quando o jornalismo começava a surgir no rádio brasileiro permanece mais de oitenta anos depois. (JUNG, 2004, p. 34 e 35)

E quando analisarmos nosso objeto, veremos que mesmo em uma reportagem que trata de um fato ocorrido há 50 anos, a estrutura da mesma é tal qual a descrita por Jung: cabeça, manchete, informações.

O texto e, por consequência, a fala no rádio devem beirar a informalidade. Ao analisar esse aspecto, recorreremos aos pensamentos de Chantler e Stewart. A começar pelo uso de frases curtas, com poucas informações por sentença e, preferivelmente, em ordem direta. Ainda que não façamos uma análise linguística para diferenciar a língua falada da língua escrita, no rádio, é necessário escrever como se fala. (2003, p. 47) Os autores dão o exemplo de um incêndio em uma loja. Enquanto você iria ler num jornal impresso que oficiais do corpo de bombeiros, utilizando aparato de respiração artificial, estão lutando contra um foco de incêndio numa loja de varejo, a mesma mensagem deveria ser transmitida no rádio como tem um grande incêndio numa loja de varejo. (CHANTLER e STEWART, 2003)

Em suma, todas as teorias em volta da construção do texto jornalístico de rádio apontam para que o jornalista utilize meios de deixar a informação sempre mais clara, direta e simples. Jung também pensa assim e ao longo de seu trabalho *Jornalismo de Rádio*, joga dicas soltas em pequenos quadros. Eis alguns que atestam os objetivos para os quais os jornalistas devem se atentar ao redigir um texto para o rádio:

No rádio, não se escreve nem se fala “vinte horas”. Traduza para oito horas da noite, três horas da tarde, onze da manhã. E diga meio-dia e meia, assim como você diz uma e meia ou duas e meia da tarde (JUNG, 2004, p. 61)

Ser simples, claro e objetivo é usar linguagem coloquial sem vulgaridade. É falar e escrever de forma que o ouvinte entenda de imediato. Exemplos: dizer causa da morte em lugar de causamortis; trocar genitora por mãe; lograr êxito por ter êxito, vítima fatal por morto; e anuência por aprovação. Mesmo expressões usadas com frequência podem ser simplificadas. É o caso da regorma tributária

que pode ser traduzida por mudanças nos impostos (JUNG, 2004, p. 62)

Se você escrever “12,02 milhões de usuários” em um texto para rádio, o locutor vai ler “12 vírgula zero dois milhões de usuários” e vai complicar a vida do ouvinte. Por isso prefira “12 milhões e 20 mil usuários” ou “cerca de 12 milhões de usuários”. Em relação aos números, não abuse. No mesmo texto, um é ótimo, dois é bom, três é demais. Portanto, eleja apenas o mais importante. (JUNG, 2004, p. 66)

Note que os autores disponibilizam conselhos para a construção do texto radio-jornalístico. Ítens como “seja sucinto”, “simplifique”, “reduza o uso de adjetivos”. Mas, especificamente, na gramática, as regras podem variar de veículo para veículo de acordo com os respectivos manuais de redação. Mas quanto à simplicidade e o diretismo não há divergência.

Os mesmos critérios são utilizados na hora de se produzir uma reportagem que, como já vimos, difere da notícia. Para Milton Jung, a reportagem “é a alma do negócio” (2004, p. 114). Ele afirma que, com as reportagens, o “jornalismo se diferencia, levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte”. (2004, p. 114). Quanto ao aprofundamento e a interpretação, os critérios se mantêm na hora de se construir o texto.

4.1.1 O OLHO DO OUVINTE

Sem contar com o recurso da imagem, o rádio utiliza artifícios para reforçar a informação na memória do ouvinte. E esse reforço não é arbitrário. Milton Jung cita o estudo da professora Maria Cristina Romo Gil, publicado no livro *Introducción al conocimiento y práctica de la radio*. (Diana, 1987), que concluiu que 60% das mensagens emitidas de forma verbal, que é o caso do rádio, são retidas pelo receptor até três horas depois de ter ouvido. Mas três dias depois, apenas 10% das informações permaneciam na memória do ouvinte. (2004, p. 16).

Vinhetas, trilhas e efeitos sonoros (sonoplastia) podem ser ótimos aliados dos jornalistas na hora de passar uma informação.

Esses elementos já fazem parte da plástica da rádio. A plástica está para o veículo de rádio assim como a diagramação está para um jornal impresso. Ao mesmo tempo em que se mantém um padrão específico, justamente o uso de

trilhas, vinhetas e efeitos, sempre é possível colocar algo mais. O jornal impresso segue um projeto gráfico específico, em relação à tipografia, tamanho de fonte, etc. Mas abre espaços para infográficos, capas especiais e encartes diferentes.

Chantler e Stewart explicam:

Jingles e outras formas de identificação sonora têm papel importantes no reconhecimento dos programas radiofônicos. É preciso haver versões separadas da música que serve de identificação do radio jornal para marcar a abertura e o encerramento do programa [...] acompanhando as manchetes, para dar ao ouvinte um sentido de continuidade e lembra-lo de aquilo faz parte de um conjunto maior que é o radiojornal. [é a plástica pura da rádio, com o objetivo de fazer o ouvinte identificar, assim que direciona o dial, qual rádio ele está ouvindo] (CHANTLER e STEWART, 2003 p. 202)

Como não é possível mudar a plástica da rádio, as reportagens especiais são uma ótima oportunidade de usar esse tipo de recurso para reforçar a ideia ou ajudar o ouvinte a criar um cenário em torno daquelas informações.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objeto de observação constitui-se na série de reportagens da Rádio BandNews FM Brasília, “50 anos do golpe, os filhos da ditadura”, produzida pelos repórteres Natália Godoy e Lucas Scherer. Ao todo, foram sete reportagens, exibidas ao longo da semana em que o golpe completou meio século. Eis as reportagens analisadas, com suas cabeças (texto que o âncora lê para introduzir a reportagem, a chamada da reportagem), suas respectivas datas de publicação e tempo de duração:

a) 1º Reportagem (24/03/2014) “A uma semana dos 50 anos do golpe militar, você acompanha, à partir de hoje, uma série de 7 reportagens que mostram como a ditadura afetou diretamente a vida de jovens de todo o país”. Duração: 3’14”.

b) 2ª Reportagem (25/03/2014) “Na segunda reportagem da série sobre os 50 anos da ditadura, as manifestações de estudantes que tomaram o Brasil e foram duramente reprimidas”. Duração: 3’48”.

c) 3ª Reportagem (26/03/2014) “Os anos mais duros da ditadura militar marcaram profundamente a história de jovens brasileiros. É o que mostra mais uma reportagem da série que conta os 50 anos do golpe militar”. Duração: 3’48”.

d) 4ª Reportagem (27/03/2014) “Nos longos anos do regime militar, um grupo de jovens viu como única saída, pegar em armas. A história da luta armada contra a ditadura você confere hoje na série dos 50 anos do golpe”. Duração: 3’48”.

e) 5ª Reportagem (28/03/2014) “Na quinta reportagem da série sobre os 50 anos do golpe militar, o aumento da pressão de jovens após novas mortes nos porões da ditadura”. Duração: 3’50”

f) 6ª Reportagem (29/03/2014) “O fim da ditadura militar foi marcado pela volta de milhares de exilados e por ações que ameaçaram a abertura. É o que você acompanha, agora, na série sobre os 50 anos do golpe”. Duração: 3’48”

g) 7ª Reportagem (31/04/2014) “Há exatos 50 anos, um golpe levava o Brasil a 21 anos de ditadura militar. De lá pra cá, o que mudou no país? É o que você confere na sétima reportagem sobre o regime militar”. Duração: 3’50”

Nas quais observaremos:

a) quais os critérios de noticiabilidade aplicados em cada reportagem. Ao longo do trabalho vimos que o golpe militar é um fato de alto grau de noticiabilidade mas, aqui, analisaremos os critérios aplicados na escolha dos acontecimentos que ocorreram durante os 21 anos da ditadura para compor a narrativa. Vamos identificar, de acordo com as teorias expostas ao longo dos capítulos, quais critérios se aplicam às escolhas dos repórteres

b) as referências ao passado no texto dos repórteres. Aqui, não analisaremos os acontecimentos e, sim, os elementos utilizados nas reportagens para situar o ouvinte no tempo do fato: trilhas e músicas utilizadas, sonoras de arquivo e elementos textuais.

c) os trechos das entrevistas e áudios escolhidos pela edição e a escolha dos entrevistados. A escolha das fontes, a fala dos entrevistados e as falas de arquivo. Há fatos novos?

d) estrutura e recursos das reportagens. A construção do texto e o tempo das matérias.

6. ANÁLISES E RESULTADOS

Podemos considerar notícia o fato de que se completam 50 anos desde a data em que ocorreu um golpe de estado que levou o Brasil a um período de 21 anos de ditadura. Basta recorrer aos critérios de noticiabilidade já expostos neste trabalho: Importância dos Envolvidos, Quantidade de Pessoas Envolvidas, Interesse Nacional, Interesse Humano e Feitos Excepcionais. Uma vez que os critérios citados não fazem alusão ao tempo do fato e já elevam o grau de noticiabilidade do evento, podemos afirmar que esse grau permanece o mesmo até os dias atuais.

O objetivo da série, segundo o texto do apresentador (chamado de cabeça) é o de mostrar o que mudou no país nesses 50 anos e que lições o país aprendeu com o golpe militar. Para isso, foram necessárias 7 reportagens e ao fim delas, a afirmação de que “os 21 anos de regime, não deixam que o Brasil esqueça a história”. E para que algo não seja esquecido é necessário lembrá-lo.

Vimos que os fatos considerados relevantes são aqueles que se relacionam com a memória, ou seja, é necessário contextualizar. E apesar da fala dos entrevistados, dos áudios de arquivo e dos próprios fatos relatados na série para contextualizar o assunto serem antigos, são eles que ajudam o repórter a se aprofundar no tema (interpretar) e, por consequência, o ouvinte a se inserir no contexto. Uma vez inserido, o consumo da informação de que o golpe completa 50 anos passa a ser uma reflexão e não somente ciência.

E para muitos deles, todos os acontecimentos relacionados ao objeto jornalístico nos últimos 50 anos são fatos novos, basta que nenhum deles tivesse tido acesso àquela informação anteriormente.

6.1 “50 anos do golpe: os filhos da ditadura”

Embora muitas ideias de Chantler e Stewart não se apliquem ao modelo de rádio praticado na BandNews FM, onde usa-se um padrão de no máximo 1’45” para reportagens comuns do dia-a-dia e de até 45” para notas secas, que são aquelas notícias lidas pelo âncora ou repórter, que buscam dar a informação de forma rápida. O que não é uma imposição religiosa, sistemática. Apenas um padrão a ser seguido para que a rádio fique com a mesma plástica, que não se diferencie caso ouça a BandNews FM em outro estado. As vezes o repórter não conseguiu a

entrevista, diminui-se o tempo da reportagem. As vezes os dados a serem coletados e informados são muitos, aumenta-se (com consentimento do editor) o tempo da reportagem. Tudo pode ser ajustado para que os horários comerciais sejam respeitados e o tempo dos jornais e dos boletins a cada 20 minutos, também.

As reportagens especiais podem ter mais tempo de duração, mas sempre seguindo um padrão quando trata-se de uma série. Geralmente as reportagens especiais da rádio BandNews FM tem como padrão, como objetivo geral, marcar até 3'20". Mas na própria série, o tempo médio é um pouco maior.

Na ideia geral de reportagem Chantler e Stewart analisam o processo de produção de notícias da BBC de Londres, cujo padrão seria de até 35' e apenas uma sonora (2003, p. 202). Ideia bem distante do que vimos ao longo de nossa análise. No entanto, a produção da série sobre o regime militar se assemelha à produção de um documentário. Que no geral tem entre 20 minutos e uma hora de duração. A série é então, nada mais nada menos do que um documentário dividido em 7 partes.

Começemos a análise, identificando os padrões, os acontecimentos relatados ao longo da série são expostos em ordem cronológica, contrariando a teoria do lide moderno. É possível notar o mesmo padrão ao longo da série. Cada reportagem é específica sobre um determinado período da história do regime. A primeira começa e termina em 1964. A segunda reportagem começa em 1967, com a posse do segundo presidente da ditadura, e termina em 1968, com o congresso da União Nacional dos Estudantes em Ibúna, São Paulo. E assim as reportagens seguem, até chegarmos em 2014, com o objetivo final da série: mostrar as cicatrizes que ainda permanecem na história brasileira em relação ao período da ditadura.

E os fatos e sonoras utilizadas em cada reportagem, inclusive as músicas de fundo, são referentes à época que estava em contexto. Alguns dos entrevistados não relatam experiências próprias, não viveram na época ou relatam opiniões sobre os acontecimentos de forma geral e, mesmo assim, ainda contextualizam o tempo do fato.

SONORA: JAIR BOLSONARO *"TORTURA É UMA ARMA DE GUERRA, SEMPRE EXISTIU E INFELIZMENTE ESSE PESSOAL GENERALIZA, PARTE DO PARTICULAR PARA O GERAL. ALGUNS, ISOLADAMENTE, PODEM TER*

EXAGERADO DURANTE UM INTERROGATÓRIO OU OUTRO MAS NÃO COMO ARMA DE ESTADO, ATÉ PORQUE ISSO NÃO EXISTE, NÃO COMO POLÍTICA DE ESTADO ” (0’14’’) (ANEXO 5) [Contextualizando e opinando sobre o início dos anos 70, quando, segundo o texto da reportagem, o lado sombrio do regime voltou a atacar]

SOBE SOM: CAETANO VELOSO - ALEGRIA, ALEGRIA 1967 - *“E EU DIGO É PROIBIDO PROIBIR, É PROIBIDO PROIBIR” (0’05’’) (ANEXO 2)* [Contextualizando com o período em que se passam os fatos da reportagem com a vontade dos estudantes em combater a repressão]

Todas as reportagens possuem intersecções que nos aumenta a ideia de um padrão para se contar a história. Elas apresentam músicas da época dos fatos para trilhar a fala do repórter. Nesse caso, abrimos um parêntese para dizer que as músicas sempre casam com o texto ou a fala anterior ou subsequente. Nota-se uma tentativa de usar as próprias canções para se contar a história. O que não deixa de ser uma ferramenta para contextualizar. Os trechos usados são puxados da memória e logo se relacionam com as informações narradas. O mesmo princípio da relevância que vimos ao longo do trabalho.

Mas ainda falando das intersecções, das repetições de padrão, podemos perceber que todas as reportagens também contém sonoplastia, áudios de arquivo, fontes conflitantes e pé(a última linha do texto) chamando o ouvinte para ouvir a reportagem do dia seguinte, com uma pequena introdução ao tema que será proposto.

Exemplo do uso de fontes conflitantes:

SONORA: IVAN SEIXAS *“CONTINUARAM TORTURANDO MEU PAI ATÉ A NOITE DAQUELE DIA SEGUINTE E MEU PAI ASSASSINADO NA NOITE DO DIA DEZESSETE” (0’08’’) (ANEXO 5)*

LOC REPÓRTER: ABUSOS NEGADOS ATÉ HOJE PELO COMANDANTE DO ÓRGÃO DE 70 A 74, CORONEL CARLOS ALBERTO BRILHANTE USTRA, COMO NO DEPOIMENTO DADO À COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, MESMO DEPOIS DE CONDENAÇÃO JUDICIAL POR MORTE E TORTURA NO DOI CODI.

SONORA: CORONEL ALBERTO USTRA *“EU ERA O COMANDANTE DA UNIDADE. NUNCA ACONTECEU ISSO. É MENTIRA! NINGUÉM FOI MORTO LÁ DENTRO DO DÓI, TODOS FORAM MORTOS EM COMBATE, FORA, NA RUA!” (0’15’’) (ANEXO 5)*

Os padrões não são notados apenas na maneira com que se conta história ou com que se utilizam as sonoras e áudios disponíveis. Notamos um padrão de tempo.

Exceto pela primeira matéria da série, que foi fechada com 3'14". As outras tem tempo muito parecidos. As reportagens que constam como anexos 2,3,4 e 6 foram publicados com 3'48". As que constam como 5 e 7, 3'50 segundos.

Há um padrão no tempo destinado ao uso de trilhas e sonoplastia também. Nenhuma trilha de fundo ultrapassa os 10 segundos e nenhuma sonoplastia (tiros, soldados marchando, gotas pingando e outros recursos utilizados, ultrapassa 3 segundos. As sonoras de entrevistados não seguem um padrão específico de tempo mas todas têm, também, um padrão definido pela rádio, que não pode ultrapassar os 20 segundos.

Como já dissemos ao longo do trabalho, quando um gancho é feito para se produzir uma reportagem, é necessário situar o ouvinte em um cenário de tempo-espaço para que a recepção da mensagem seja mais eficaz. A primeira sonora, são de pessoas que viviam nos anos 60 e falam de como era a vida na época.

SONORA: (POVO FALA) *“ERA UMA VIDA ABSOLUTAMENTE INGÊNUA. E TINHA MUITAS FESTINHAS NÉ? ERA ÉPOCA DOS ROLLING STONES” (0'06”)* (ANEXO 1)

Outras sonoras expressam o mesmo sentido, situar o ouvinte, não só no tempo do fato, mas à realidade em que os envolvidos estavam inseridos.

SONORA: ZEZEU JUNIOR *“A MINHA CIDADE AINDA ERA UMA CIDADE CONTROLADA POR MILITARES E PERMANECEU ASSIM POR MUITO TEMPO” (0'07”)* (ANEXO 6)

SONORA: ROBERTO SOARES *“ACORDEI COM OS VIDROS DA JANELA EM CIMA DE MIM, COM AS METRALHADORAS A CASA TODA ARROMBADA. VI MEU PAI SENDO TORTURADO DENTRO DO QUARTO E ELES QUERENDO SABER NOME E EU NÃO SABENDO FALAR E EU COMEÇAVA A CHORAR, ELES ME DANDO TAPA E A GENTE AGARRANDO MEU PAI PARA NÃO DEIXAR LEVAR E DANDO PORRADA NA GENTE. MEU PAI FOI SEQUESTRADO.” (0'20”)* (ANEXO 5)

Situar o ouvinte a um espaço, um cenário.

SOBE SOM: BARULHO DE PORTA DE PRESÍDIO FECHANDO (ANEXO 5)

SOBE SOM: SOLDADOS MARCHANDO (ANEXO 6)**SOBE SOM: ÁUDIO DE PROTESTO (ANEXO 2)**

O grau de noticiabilidade dos fatos considerados velhos começa a ser exposto à partir da fala de Vladimir Palmeira, então líder estudantil.

SONORA: *“ESTAVA NUMA ASSEMBLEIA NA FACULDADE NACIONAL DE DIREITO E AÍ SAIU O GOLPE, PASSAMOS A NOITE LÁ E, AFINAL, A POLÍCIA DO LACERDA METRALHOU O PRÉDIO, MORRERAM ALGUMAS PESSOAS, NINGUÉM SABE QUANTAS TAVAM NA PORTA, A COISA TAVA FEIA”. (0’13”)* (ANEXO 1)

Em 13 segundos de fala, é possível identificar alguns valores notícia como a importância dos envolvidos (“a polícia do Lacerda”), importância (“assembleia na Faculdade Nacional de Direito”), conflito e suspense (“metralhou o prédio”, “a coisa tava feia”) e consequência (“morreram algumas pessoas”).

Outras sonoras, ao longo da série destacam os mesmos critérios:

SONORA: DEPUTADO ALFREDO SIRKIS: *“ELES COMEÇARAM A ATIRAR NAS MANIFESTAÇÕES, FOI A FAMOSA SEXTA-FEIRA SANGRENTA. UNS DIAS MAIS TARDE FOI POSSÍVEL SE FAZER A MARCHA DOS CEM MIL”. (0’09”)* (Anexo 2) [Conflito, consequência, suspense, importância.]

SONORA: CID BENJAMIN *“FECHAMOS A PASSAGEM DA RUA, O CARRO IA PARAR, ENTROU UM OUTRO CARRO POR TRÁS, DEIXAMOS NO CARRO DIPLOMÁTICO O MANIFESTO COM NOSSAS DECLARAÇÕES E SEGUIMOS COM O EMBAIXADOR PRO LOCAL DO CATIVEIRO” (0’12”)* [Importância dos envolvidos, suspense, interesse nacional, feitos excepcionais]

A fala, mesmo atual, expõe fatos que ocorreram há muitos anos mas mantiveram seus respectivos graus de noticiabilidade.

.A interpretação do repórter surge quando, aliando o conhecimento sobre o fato, de que a ditadura realmente deixou cicatrizes na juventude brasileira, ele casa a fala de Palmeira com sua própria visão do fato, ao dizer que “a violência vivida por Vladimir Palmeira, aos dezenove anos de idade, nos primeiros dias do golpe, parecia PREVER as profundas cicatrizes na juventude do país.” (ANEXO 1) É o gancho da sonora com o fato e do fato com a visão do repórter.

A identificação do objeto jornalístico como primeira etapa da interpretação aplicada à produção do texto já foi conhecida, agora indentificaremos a segunda etapa, a decomposição da ocorrência. Que como vimos, se dá através do conhecimento que se tem dos fatos e da análise das fontes. E mesmo que fugindo do factual, vemos uma prática intensiva de jornalismo e voltando à Beltrão, repetimos a pergunta, com que efeitos?

Alguns trechos do texto dos repórteres ajudam a entender essa parte de aprofundamento, de análise das fontes e da demonstração dos efeitos inerentes a cada acontecimento.

LOC REPÓRTER: PARA DERRUBAR A DITADURA, ATENTADOS, ASSALTOS A BANCOS, ASSASSINATOS. MAS SERIAM OS SEQUESTROS QUE PROJETARIAM MUNDIALMENTE A LUTA A ARMADA E LIBERTARIAM DEZENAS DE PRESOS POLÍTICOS. (ANEXO 4) [Não chega a ser uma opinião expressada mas uma constatação feita mediante a uma análise dos fatos que “projetariam mundialmente a luta armada”]

LOC REPÓRTER: A MÚSICA ESCRITA POR CAETANO VELOSO NO CÁRCERE APÓS O AI 5 REPRESENTAVA UMA LEGIÃO DE ARTISTAS, JORNALISTAS E POLÍTICOS PRESOS COMO GILBERTO GIL JUSCELINO KUBITSCHKE E CARLOS LACERDA, AGORA OPOSIÇÃO. TODOS CALADOS E OBRIGADOS DEIXAR O PAÍS. (ANEXO 3) [A relação entre a música de Caetano, o Ato Institucional e como isso afetou as pessoas citadas também parte de um aprofundamento feito pelos repórteres]

LOC REPÓRTER: ESSA LEMBRANÇA DO CORONEL MANOEL SORIANO NETO, NA ÉPOCA COM VINTE E DOIS ANOS, REPRESENTAVA A FILOSOFIA DOS COLEGAS DO DESTACAMENTO TIRADENTES, DE MINAS GERAIS, O PRIMEIRO A SE REBELAR. (ANEXO 1) [Mas uma vez, a análise dos repórteres. Agora em cima da fala de um entrevistado]

Seguindo a mesma sequência lógica que seguimos para expor os itens que nos ajudariam a compreender em que cenário um valor notícia poderia ser questionado – contexto, relevância, interpretação – conseguimos identificar, na construção da série, os mesmos itens, presentes em todos os textos.

A série fecha com o ano de 2014, 50 anos após o início do regime militar. Ao fim, cada fonte entrevistada emite sua opinião sobre o que a ditadura representou para o país. Os avanços na economia e a instituição de uma ordem social foram

destacadas, assim como foram destacadas as cicatrizes do regime e necessidade de se lutar contra regimes autoritários.

Ao fim, para fechar a questão de contextualização, uma sonora que exprime toda a ideia do trabalho, a hora em que o velho se torna, de fato, factual:

SONORA: IVAN SEIXAS “AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO SÃO A MAIOR DEMONSTRAÇÃO DISSO. PORQUE OS MANIFESTANTES DE HOJE, AINDA COM A CABEÇA DA DITADURA, NÃO PERMITIAM. MESMO ASSIM A POPULAÇÃO INSISTIU EM IR PRAS RUAS E AI NÃO TEVE OUTRO JEITO A NÃO SER PERMITIR. ” (0’18”) (ANEXO 7)

6.1.1 “50 ANOS DO GOLPE: OS FILHOS DA DITADURA” EM NÚMEROS

As sonoras de entrevistados totalizaram 6’51”. As sonoras de arquivo, 2’18”. As trilhas e sonoplastias, 3’52”. Totalizando, assim, 13’01”. Toda a série durou exatos 26’06”, o que significa que a locução, o texto dos repórteres, ocupou, quase que exatamente, a metade do tempo de reportagem.

Essa pequena análise do tempo determinado a cada elemento do texto no permite ver como a série foi produzida em um modelo exatamente igual ao proposto no início do trabalho. Foi dito que é necessária a junção de diversos fatores para que a atualidade seja questionada, enquanto valor-notícia, em muitas produções jornalísticas. Falamos de contexto, de relevância, de tempo do fato e noticiabilidade.

Metade da obra é contexto, memória, recorrente ao velho e Metade da obra é interpretação e exposição de resultados.

CONCLUSÃO

O velho é inexorável. Independe de nós. Enquanto este trabalho foi escrito ele já estava ficando velho. O tempo é irrefutável. Assim é com as pessoas, com as coisas, com as notícias. O mote do trabalho, o problema inicial, antes de qualquer ponderação de como ele poderia ser desenvolvido, era responder uma questão simples: a notícia fica velha?

Sim, ela fica velha. Como dito, não podemos questionar o tempo. Mas daí, analisando o modelo atual de produção de notícias, baseado em uma busca desenfreada pelo “furo”, pela informação em tempo real e cada vez mais segmentada, refizemos a pergunta: a notícia velha perde a relevância por não ser atual?

Vimos ao longo do trabalho que o fato tem memória e que à memória se recorre para trazer o novo. Expusemos teorias que atestam que um fato sem memória perde relevância ou pode ganhar uma relevância que não compete a tal. Na série analisada, ficou claro o uso desse tipo de recurso.

É interessante notar que existe uma grande peculiaridade no presente trabalho. Questionar a atualidade como um valor notícia, analisando uma reportagem de rádio, de uma emissora que se propõe a dar notícias durante 24 horas por dia até poderia soar pretensioso ou ignorante. Mas ainda que a instantaneidade seja uma característica inerente ao veículo, vimos que é possível fazer um relato histórico e tornar o velho algo extremamente novo e, dentro de determinada ótica, os acontecimentos antigos tornam-se relevantes e, às vezes, até factuais.

Se um jornal publica, em janeiro, a seguinte manchete: “Contribuintes tem até março para regularizar a situação junto a receita”, terá essa informação perdido valor em fevereiro, ou ela ainda será atual e dotada de relevância para um leitor que ainda não tiver tido acesso a ela? Podemos classificar a manchete como uma **publicação que se pode repetir**.

E analisando os acontecimentos, não como fatos, mas como tema geral. Isto é, ao invés de abordamos um assunto em específico, no caso “a data final para a entrega a do imposto de renda”, trataremos como um assunto amplo, “declaração de imposto de renda”. Todos os anos os contribuintes declaram seus impostos e todos os anos o assunto é abordado pela grande mídia. Ora, se os prazos mudam, as datas mudam, mas o teor do que é noticiado se mantém o mesmo, não podemos classificar a publicação da manchete proposta como uma **publicação que se repete**.

E se esses acontecimentos se mantém na agenda dos veículos de comunicação e, ao mesmo tempo ainda podem ser relevantes, podemos contestar a “atualidade” como algo que determina o que é, ou não, publicável?

A conclusão é de que os fatos não perdem a relevância ao longo do tempo. E que não só é comum identificar o recurso da memória aplicado até em notícias mais simples e corriqueiras - Algo do tipo “Brasil perde para a Rússia no vôlei. No último confronto, os russos foram os derrotados” -, mas como isso é amplamente difundido entre os teóricos – a necessidade de resgatar a memória do fato -.

E se a pesquisa parte da premissa de que o papel do jornalismo é educar e informar, considero que os repórteres e os editores cumpriram com destreza esse papel.

É necessário apontar que o tema, por ser instigante para o campo de pesquisa do jornalismo, pode ligar para outros vários possíveis olhares e observações. Os recursos utilizados podem ser muito mais esmiuçados do que como foi realizado por essa pesquisa, que teve o compromisso de fazer um levantamento específico sobre a utilização da memória como estratégia no texto radiofônico.

Mas ainda que seja possível fazer esse tipo de conclusão, ainda cabe levantar a questão: notícia fica ou não fica velha? Do ponto de vista jornalístico, sim. Mas ainda dá relevância ao factual. Mas do ponto de vista filosófico, e é aí que a reflexão do presente trabalho pode se estender mais, ler o jornal de hoje ou de ontem, tanto faz.

REFERÊNCIAS

AMARAL, LUÍS. Jornalismo: matéria de primeira página. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

BANDNEWS FM. Disponível em:
<<http://bandnewsfm.band.uol.com.br/Institucional.aspx> > Acesso em: 24.05.2014

BELTRÃO, LUIZ. Jornalismo Interpretativo: Filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.

CHANTLER, Paul. Fundamentos do Radiojornalismo / Paul Chantler, Peter Stewart : [tradução Jerusa Guijen Garcia]. – São Paulo : Roca, 2006

JUNG, MILTON. Jornalismo de Rádio. São Paulo : Contexto, 2004.

LAGE, NILSON. A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LAGE, NILSON. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MELO, JOSÉ MARQUES DE. LAURINDO, ROSEMÉRI. DE ASSIS, FRANCISCO (ORG.). Gêneros Jornalísticos, teoria e práxis. Blumenau: Edifurb, 2012.

MELO, JOSÉ MARQUES DE. Teoria do jornalismo. São Paulo: Paulus, 2006.

NOBLAT, RICARDO. A arte de fazer um jornal diário. São Paulo: Contexto, 2002.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio, os grupos de poder e a determinação dos conteúdos – São Paulo: Summus, 1985

PENA, FELIPE. Teoria do jornalismo. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA JR., ALFREDO EURICO VIZEU. Decidindo o que é notícia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PEREIRA JÚNIOR, LUIZ COSTA. A apuração da notícia. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEREIRA JÚNIOR, LUIZ COSTA. Guia para edição jornalística. Petrópolis: Vozes, 2011.

SAMPAIO, Walter. Jornalismo audiovisual, 1971. In: ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio, os grupos de poder e a determinação dos conteúdos – São Paulo: Summus, 1985)

TRAQUINA, NELSON. Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, NELSON. Teorias do Jornalismo, uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

ANEXOS

Observações: o tempo das sonoras só foi contado nos momentos em que a fala do repórter é interrompida. Todos os “sobe som” que acompanham a fala do repórter não foram contabilizados. O modelo de texto não segue o modelo de edição da rádio BandNews FM. As reportagens foram transcritas para um modelo padrão de texto.

Em alguns momentos, a fala do repórter pode diferir do texto para encaixe de locução e tempo da reportagem, no entanto, não há perda de informações.

ANEXO 1

1º Reportagem (24/03/2014) Duração: 3’14’’ – Lucas Scherer e Natália Godoy

SOBE SOM: BEATTLES – SHE LOVES YOU – *“SHE LOVES YOU YEAH, YEAH, YEAH...” (0’03’’)*

LOC REPÓRTER: 1964. OS BEATTLES DESEMBARCAVAM NOS ESTADOS UNIDOS E CONQUISTAVAM OS CORAÇÕES DOS JOVENS PELO MUNDO. NO BRASIL, O IÊ IÊ IÊ DE RONI CARDI DOMINAVA AS PARADAS.

SONORA: (POVO FALA) *“ERA UMA VIDA ABSOLUTAMENTE INGÊNUA. E TINHA MUITAS FESTINHAS NÉ? ERA ÉPOCA DOS ROLLING STONES” (0’06’’)*

SOBE SOM: RAUL SEIXAS – RUA AUGUSTA – *“VAI, VAI JOHNNY, VAI VAI ALFREDO...” (0’03’’)*

LOC REPÓRTER: MAS A EUFORIA ADOLESCENTE COM OS NOVOS RITMOS CONTRASTAVA COM A TENSÃO POLÍTICA QUE DIVIDIA O BRASIL

SONORA: ÁUDIO DO DISCURSO DO PRESIDENTE JOÃO GOULART, NA CENTRAL DO BRASIL, EM 1964. *“SERÁ A REFORMA DA SOCIEDADE BRASILEIRA...” (0’03’’)*

LOC REPÓRTER: O PRESIDENTE JOÃO GOULART LOTAVA A CENTRAL DO BRASIL COM O DISCURSO PELAS REFORMAS DE BASE E AS REAÇÕES ÀS MUDANÇAS ENCHIAM A MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE.

SOBE SOM: SOM DE TAROL ACOMPANHADO POR SOM DE SOLDADOS MARCHANDO. *(0’03’’)*

LOC REPÓRTER: ESSE ERA O CLIMA EM 31 DE MARÇO, NO INÍCIO DOS TRÊS DIAS QUE LEVARIAM O PAÍS A 21 ANOS DE DITADURA MILITAR.

SOBE SOM: ELIS REGINA – COMO NOSSOS PAIS – *“POR ISSO CUIDADO MEU BEM, HÁ PERIGO NA ESQUINA...” (0’09”)*

SONORA: ÁUDIO DO PROGRAMA JORNALÍSTICO REPÓRTER ESSO: *“ATENÇÃO BRASIL, AS TROPAS DO SEGUNDO EXÉRCITO JÁ SITIARAM O ESTADO DA GUANABARA”. (0’06”)*

SOBE SOM: ELIS REGINA – COMO NOSSOS PAIS – *“ELES VENCERAM E O SINAL ESTÁ FECHADO PRA NÓS, QUE SOMOS JOVENS...” (0’09”)*

SONORA: DISCURSO DO ENTÃO PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL EM 1964, SENADOR AURO DE MOURA: *“O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DEIXOU A SEDE DO GOVERNO. ASSIM SENDO DECLARO VAGA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA! ”.(0’09”)*

SONORA: CORONEL MANOEL SORIANO NETO *“CHEGAMOS AO RIO DE JANEIRO NO DIA 2 DE ABRIL. ACANTONAMOS NO ESTÁDIO DO MARACANÃ... UM MOVIMENTO QUE IMPEDIU UM FUTURO GOLPE COMUNISTA QUE JÁ ESTAVA SENDO ELABORADO”. (0’12”)*

LOC REPÓRTER: ESSA LEMBRANÇA DO CORONEL MANOEL SORIANO NETO, NA ÉPOCA COM VINTE E DOIS ANOS, REPRESENTAVA A FILOSOFIA DOS COLEGAS DO DESTACAMENTO TIRADENTES, DE MINAS GERAIS, O PRIMEIRO A SE REBELAR.

SONORA: *“ESTAVA NUMA ASSEMBLEIA NA FACULDADE NACIONAL DE DIREITO E AÍ SAIU O GOLPE, PASSAMOS A NOITE LÁ E, AFINAL, A POLÍCIA DO LACERDA METRALHOU O PRÉDIO, MORRERAM ALGUMAS PESSOAS, NINGUÉM SABE QUANTAS TAVAM NA PORTA, A COISA TAVA FEIA”. (0’13”)*

LOC REPÓRTER: A VIOLÊNCIA VIVIDA POR VLADIMIR PALMEIRA, AOS DEZENOVE ANOS DE IDADE, NOS PRIMEIROS DIAS DO GOLPE, PARECIA PREVER AS PROFUNDAS CICATRIZES NA JUVENTUDE DO PAÍS. LÍDER ESTUDANTIL, FUTURO PRESO POLÍTICO E EXILADO, PALMEIRA TINHA A CERTEZA QUE A INOCÊNCIA E A LIBERDADE TINHAM ACABADO.

SOBE SOM: SIRENE DE POLÍCIA ACOMPANHADA DE MÚSICA DE SUSPENSE

SONORA: VLADIMIR PALMEIRA *“E A PARTIR DE 64, UMA VEZ POR MÊS A POLÍCIA ENTRAVA LÁ. ENCERRAVA A ASSEMBLEIA” (0’06”)*

SOBE SOM: SIRENE DE POLÍCIA ACOMPANHADA DE MÚSICA DE SUSPENSE

SONORA: ÁUDIO DE JORNAL DA ÉPOCA *“O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, MARECHAL HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO LÊ A JUSTIFICATIVA DO ATO INSTITUCIONAL” (0’07”)*

LOC REPÓRTER: AS DUAS LETRAS “A” “I” ENTRARIAM PARA HISTÓRIA BRASILEIRA COMO SÍMBOLO DE AUTORITARISMO, CASSAÇÕES, PRISÕES ARBITRÁRIAS E TORTURAS.

SOBE SOM: CHICO BUARQUE – ACORDA AMOR – *“SE EU DEMORAR UNS MESES CONVEM AS VEZES VOCÊ SOFRER” (0’08”)*

LOC REPÓRTER: O CONSULTOR DE MINISTÉRIO PAULO FREIRE, QUE VIRARIA O PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, FOI UM DOS CINCO MIL PRESOS DO INÍCIO DA DITADURA. AOS SEIS ANOS, O FILHO, LUTGARDES, FOI UM DOS TANTOS A TER O CONVÍVIO COM O PAI INTERROMPIDO PREMATURAMENTE E, LOGO EM SEGUIDA, OBRIGADO A CRESCER LONGE DA PÁTRIA.

SONORA: LUTGARDES FREIRE *“ELE FOI PRESO NO RECIFE, NA RUA. ELE SÓ NOS REENCONTROU NO CHILE”. (0’06”)*

SOBE SOM: MAURÍCIO TAPAJÓS E PAULO CÉSAR PINHEIRO – PESADELO – *“VOCÊ VEM ME AGARRA, ALGUÉM VEM E ME SOLTA” (0’07”)*

LOC REPÓRTER: NA PRÓXIMA REPORTAGEM, A CHEGADA DA LINHA DURA AO PODER E O RECRUDECIMENTO DA REPRESSÃO AO MOVIMENTO JOVEM QUE TOMOU AS RUAS.

ANEXO 2

2ª Reportagem (25/03/2014) - Duração: 3'48" – Lucas Scherer e Natália Godoy

SOBE SOM: VALSA COSTA E SILVA *"REPRESENTANTES DIPLOMÁTICOS DE QUASE TODAS AS NAÇÕES DO MUNDO COMPARECEM À BRILHANTE RECEPÇÃO QUE O PRESIDENTE COSTA E SILVA E SENHORA YOLANDA COSTA E SILVA OFERECEM NO PALÁCIO DA ALVORADA"* - SEGUE COM A TRILHA DA VALSA. (0'15")

LOC REPÓRTER: 1967, A LEVEZA DA VALSA QUE EMBALA O REGISTRO OFICIAL DE POSSE DO SEGUNDO PRESIDENTE DA DITADURA DESTOAVA DO SIMBOLISMO DAQUELE MOMENTO. A CHEGADA DA ALA MILITAR CHAMADA DE LINHA DURA AO PODER SIGNIFICAVA A PERPETUAÇÃO DO REGIME.

SOBE SOM: ÁUDIO DE PROTESTO (0'02")

LOC REPÓRTER: ERA A SENHA PARA QUE ESTUDANTES TOMASSEM AS RUAS.

SOBE SOM: CAETANO VELOSO - ALEGRIA, ALEGRIA 1967 - *"E EU DIGO É PROIBIDO PROIBIR, É PROIBIDO PROIBIR"* (0'05")

LOC REPÓRTER: MOMENTO TAMBÉM DA REPRESSÃO MILITAR MOSTRAR AS GARRAS.

SOBE SOM: BARULHO DE TIRO SEGUIDO DE SILENCIO E GOTA (DE SANGUE) PINGANDO. MÚSICA DE SUSPENSE DE FUNDO. (0'04")

LOC REPÓRTER: EM MARÇO DE 68, O TIRO MORTAL DISPARADO POR UM POLICIAL MILITAR ACERTOU O PEITO DO ESTUDANTE EDSON LUÍS, DE 17 ANOS.

SOBE SOM: CAETANO VELOSO - ALEGRIA, ALEGRIA 1967 - *"APENAS OS DOIS ACORDES DO INÍCIO DA MÚSICA"* (0'03")

LOC REPÓRTER: O QUE ERA PARA SER UM PROTESTO CONTRA O PREÇO DE UM RESTAURANTE ESTUDANTIL VIROU O SÍMBOLO DE JOVENS. A MASSA

CRESCIA A MEDIDA DO AUMENTO DA VIOLÊNCIA MILITAR E LEVAVA CEM MIL ÀS RUAS.

LOC REPÓRTER: ENTRE ARTISTAS E POLÍTICOS ESTAVA O SECUNDARISTA DE 17 ANOS E HOJE DEPUTADO FEDERAL ALFREDO SIRKIS.

SONORA: DEPUTADO ALFREDO SIRKIS: *“ELES COMEÇARAM A ATIRAR NAS MANIFESTAÇÕES, FOI A FAMOSA SEXTA-FEIRA SANGRENTA. UNS DIAS MAIS TARDE FOI POSSÍVEL SE FAZER A MARCHA DOS CEM MIL”.* (0’09’)

SONORA: ÁUDIO DE VLADIMIR PALMEIRA EM UMA MANIFESTAÇÃO: *“E AI DE NÓS SE NÃO NOS PREPARARMOS PARA ESSA VIOLÊNCIA”.* (0’03’)

LOC REPÓRTER: MAS HAVIA BAIXAS TAMBÉM DO OUTRO LADO, VÍTIMAS VÍTIMAS DA OPÇÃO RADICAL PELA GUERRILHA URBANA. UMA DELAS, O SARGENTO KOZEL FILHO ATINGIDO AOS 18 ANOS NA EXPLOSÃO DE UM CARRO NO QG DO SEGUNDO EXÉRCITO.

SOBE SOM: BARULHO DE EXPLOSÃO

LOC REPÓRTER: AÇÕES QUE, SEGUNDO O CORONEL REFORMADO E MINISTRO SIGNATÁRIO DO AI 5 JARBAS PASSARINHO, LEVARIAM A UMA REAÇÃO AINDA MAIS FORTE, COMO REGISTROU EM ENTREVISTA À RADIO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.

SONORA: JARBAS PASSARINHO *“OU VOCÊ CONCORDAVA OU VOCÊ ADERIA ÀQUELES QUE ESTAVAMOS COMBATENDO”.* (0’06’)

SOBE SOM: CHICO BUARQUE - RODA VIVA *“A GENTE QUER TER VOZ ATIVA, NO NOSSO DESTINO MANDAR, MAS EIS QUE CHEGA A RODA VIVA E CARREGA O DESTINO PRA LÁ”* (0’14’)

LOC REPÓRTER: E A RODA VIVA CHEGAVA IMPIEDOSA NAS UNIVERSIDADES, NA TRINCHEIRA DA UNB ESTAVA O SECUNDARISTA HELIO DOYLE COM 17 ANOS, FUTURO JORNALISTA E PRESO POLÍTICO POR SEIS VEZES.

SONORA: HELIO DOYLE *“QUANDO A POLÍCIA MILITAR, MUITAS VEZES COM O APOIO DO EXÉRCITO, ATÉ DA MARINHA, INVADIA A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, AÍ HAVIA TIROS, HAVIA MUITA VIOLÊNCIA”.* (0’15’)

SONORA: GERALDO VANDRÉ, FALANDO AO VIVO EM APRESENTAÇÃO NO MARACANÃZINHO *“A VIDA NÃO SE RESUME EM FESTIVAIS”.*(0’04’’)

LOC. REPÓRTER: O CANTOR GERALDO VANDRÉ TINHA RAZÃO, MAS ERA NO FESTIVAL DAQUELE ANO QUE SURGIA UM HINO, MÚSICA QUE SERIA CENSURADA E OBRIGARIA O AUTOR A UM LONGO EXÍLIO.

SOBE SOM: GERALDO VANDRÉ – *“CAMINHANDO E CANTANDO E SEGUINDO A CANÇÃO”.* (0’06’’)

LOC REPÓRTER: CAMINHADA DE MAIS DE 900 ESTUDANTES QUE ACABAVA COM A PRISÃO EM MASSA NO CONGRESSO CLANDESTINO DA UNE EM IBIUNA, ENTRE ELES JEAN MARC VON DER WEID, QUE SERIA ELEITO, AOS VINTE E DOIS ANOS, PRESIDENTE NO ENCONTRO.

SONORA: JEAN MARC VON DER WEID *“COMEÇARAM A CHEGAR OS POLICIAIS PELA ESTRADA E ELES DISPARARAM, NA VERDADE, POR CIMA DAS CABEÇAS DAS PESSOAS QUE ESTAVAM MAIS PERTO. A GENTE RESOLVEU VOLTAR PRA JUNTO DO GRUPO PRA NÃO SER PEGOS SOZINHOS, ISOLADOS, NO MEIO DO MATO.* (0’15’’)

LOC REPÓRTER: ERA UM MAU PRESSÁGIO APÓS A ESPERANÇA DE PASSEATAS, GREVES E REAÇÕES POLÍTICAS.

SOBE SOM: CHICO BUARQUE E GILBERTO GIL - CÁLICE 1973 - *“PAI, AFASTA DE MIM ESSE CÁLICE”* (0’04’’)

LOC REPÓRTER: NA PRÓXIMA REPORTAGEM, A EDIÇÃO DO AI 5 INAUGURA A FASE MAIS SOMBRIA DA DITADURA.

SOBE SOM: CHICO BUARQUE E GILBERTO GIL - CÁLICE 1973 – *“TANTA MENTIRA, TANTA FORÇA BRUTA”.* (0’03’’)

ANEXO 3

3ª Reportagem (26/03/2014) - Duração: 3'48'' – Lucas Scherer e Natália Godoy

LOC REPÓRTER: SEXTA-FEIRA TREZE DE 1968. EM RESPOSTA À NEGATIVA DO CONGRESSO AO PROCESSO CONTRA O DEPUTADO OPOSICIONISTA MÁRCIO MOREIRA ALVES, A DITADURA INAUGURAVA O PERÍODO MAIS SOMBRIO DO REGIME.

SOBE SOM: INCRÍVEIS - EU TE AMO, MEU BRASIL – TRECHO DA MARCHA INICIAL MIXANDO COM A SONORA SEGUINTE.

SONORA: ANÚNCIO DO ATO INSTITUCIONAL NÚMERO CINCO “O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PODERÁ DECRETAR RECESSO NO CONGRESSO NACIONAL, SUSPENDER OS DIREITOS POLÍTICAS, DECRETAR A INTERVENÇÃO DOS ESTADOS... PROIBIÇÃO DE FREQUENTAR DETERMINADOS LUGARES”. (0'11'')

LOC REPÓRTER: O ATO INSTITUCIONAL NÚMERO CINCO SUSPENDIA AS PRINCIPAIS GARANTIAS INDIVIDUAIS, CENSURAVA JORNAIS, DAVA UM DURO GOLPE NO MOVIMENTO JOVEM E ESCANCARAVA O CAMINHO PARA AQUILO QUE SERIA UM SÍMBOLO DA DITADURA, A TORTURA. MAS O MOMENTO SERIA DE EUFORIA NO GOVERNO. APÓS O PRESIDENTE COSTA E SILVA CAIR DOENTE E UMA JUNTA MILITAR ASSUMIR O PAÍS, EMILIO GARRASTAZU MÉDICI COMANDARIA O MILAGRE ECONÔMICO COM CRESCIMENTOS ACIMA DOS DEZ POR CENTO.

SOBE SOM: OS INCRÍVEIS - EU TE AMO, MEU BRASIL - *"EU TE AMO, MEU BRASIL"*

LOC REPÓRTER: O UFANISMO COM O TRI NO MÉXICO TENTAVA ABAFAR OS GRITOS DOS PORÕES DO REGIME.

SOBE SOM: OS INCRÍVEIS - EU TE AMO, MEU BRASIL - *"EU TE AMO, MEU BRASIL"* MIXADO COM O GOL DE CARLOS ALBERTO TORRES NA FINAL DA COPA DE 70. (0'10'')

SOBE SOM: BARULHO DE CARRO FREANDO BRUSCAMENTE SEGUIDO DE
SONS DE METRALHADORA (0'02'')

SONORA: ENTÃO MILITANTE DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO IVAN
SEIXAS *“BATERAM COM O CARRO DELES NO NOSSO CARRO,
METRALHARAM NOSSO CARRO E IMEDIATAMENTE AVANÇARAM COM
ARMAS. FOMOS LEVADOS PRO DÓI-CODI, ME LEVARAM PRO PAU DE ARARA
E MEU PAI FOI LEVADO PARA A CHAMADA CADEIRA DO DRAGÃO. E
FICAMOS, TORTURADOS, JUNTOS O TEMPO INTEIRO. (0'22'')*

LOC REPÓRTER: AOS DEZESSEIS ANOS, O ENTÃO MILITANTE DO
MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO TIRADENTES IVAN SEIXAS ERA PRESO AO
LADO DO PAI, O METALURGICO JOAQUIM, NA SEDE DO DOI CODI PAULISTA
EM ABRIL DE SETENTA E UM. SERIA A ÚLTIMA VEZ QUE O VERIA COM VIDA.

SONORA: IVAN SEIXAS *“CONTINUARAM TORTURANDO MEU PAI ATÉ A NOITE
DAQUELE DIA SEGUINTE E MEU PAI ASSASSINADO NA NOITE DO DIA
DEZESSETE” (0'08'')*

LOC REPÓRTER: ABUSOS NEGADOS ATÉ HOJE PELO COMANDANTE DO
ÓRGÃO DE 70 A 74, CORONEL CARLOS ALBERTO BRILHANTE USTRA, COMO
NO DEPOIMENTO DADO À COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, MESMO
DEPOIS DE CONDENAÇÃO JUDICIAL POR MORTE E TORTURA NO DOI CODI.

SONORA: CORONEL ALBERTO USTRA *“EU ERA O COMANDANTE DA
UNIDADE. NUNCA ACONTECEU ISSO. É MENTIRA! NINGUÉM FOI MORTO LÁ
DENTRO DO DÓI, TODOS FORAM MORTOS EM COMBATE, FORA, NA RUA! ”
(0'15'')*

SOBE SOM: CHICO BUARQUE - A RITA - *“LEVOU OS MEUS PLANOS, OS MEUS
POBRES ENGANOS, OS MEUS VINTE ANOS, O MEU CORAÇÃO” (0'06'')*

LOC REPÓRTER: MAS AS INÚMERAS DENÚNCIAS COLOCARIAM A SEDE DO
DOI CODI DEFINITIVAMENTE NA HISTÓRIA TRISTE DO PAÍS. COMO A DO
ENTÃO UNIVERSITÁRIO DE 24 ANOS E HOJE DEPUTADO ESTADUAL,
ADRIANO DIOGO, PRESO A CAMINHO PARA UM ENCONTRO DE CALOUROS
DA USP EM 73.

SONORA: ADRIANO DIOGO *"TOMAVA TUDO QUER TIPO DE CHOQUE DE PORRADA, VOLTAVA SUJO PRA CELA, NÃO TOMAVA BANHO... MAS EU TINHA A CERTEZA QUE ELE IAM ME MATAR, QUE ELES NÃO QUERIAM VIVER E QUE UM DIA EU IA PODER CONTAR ESSA HISTÓRIA". (0'12')*

SOBE SOM: CAETANO VELOSO - IRENE - *"EU QUERO IR, MINHA GENTE. EU NÃO SOU DAQUI" (0'05')*

LOC REPÓRTER: A MÚSICA ESCRITA POR CAETANO VELOSO NO CÁRCERE APÓS O AI 5 REPRESENTAVA UMA LEGIÃO DE ARTISTAS, JORNALISTAS E POLÍTICOS PRESOS COMO GILBERTO GIL JUSCELINO KUBITSCHKEK E CARLOS LACERDA, AGORA OPOSIÇÃO. TODOS CALADOS E OBRIGADOS A DEIXAR O PAÍS.

SOBE SOM: NARA LEÃO - OPINIÃO - *"PODEM ME PRENDER, PODEM ME BATER"* - SEGUNDO TRECHO DA MÚSCIA - NÃO É O SECO

LOC REPÓRTER: NA PRÓXIMA REPORTAGEM, A DECISÃO RADICAL DE JOVENS QUE DECIDEM PEGAR EM ARMAS CONTRA OS MILITARES.

SOBE SOM: NARA LEÃO - OPINIÃO - *"QUE EU NÃO MUDO DE OPINIÃO"*
OPINIÃO - *"SE EU MORRER, SEU DOUTOR, ESTOU BEM PERTINHO DO CÉU"*
(0'09')

ANEXO 4

2ª Reportagem (27/03/2014) - Duração: 3'48'' – Lucas Scherer e Natália Godoy

SOBE SOM: THE BEATLES – “DON'T LET ME DOWN”

LOC REPÓRTER: OS ANOS 60 CHEGAVAM AO FIM E LEVAVAM A ESPERANÇA DE UMA LEGIÃO DE JOVENS QUE CRESCERAM AO SOM DO IEIEIE E VIAM OS BEATLES ACABAR. NO BRASIL, O AI 5 AFASTAVA DEFINITIVAMENTE A ESPERANÇA DEMOCRÁTICA E PARA MUITOS ESTUDANTES A ÚNICA SAÍDA ERA PEGAR EM ARMAS

{SILÊNCIO}

LOC REPÓRTER: MAIS DE 150 MORRERIAM EM 6 ANOS ANTES DE CHEGAR AOS 30.

SOBE SOM: MAARIA BETHANIA - CARCARÁ - "CARCARÁ, PEGA, MATA E COME" (0'05'')

LOC REPÓRTER: PARA DERRUBAR A DITADURA, ATENTADOS, ASSALTOS A BANCOS, ASSASSINATOS. MAS SERIAM OS SEQUESTROS QUE PROJETARIAM MUNDIALMENTE A LUTA A ARMADA E LIBERTARIAM DEZENAS DE PRESOS POLÍTICOS.

SONORA: CID BENJAMIN *“FECHAMOS A PASSAGEM DA RUA, O CARRO IA PARAR, ENTROU UM OUTRO CARRO POR TRÁS, DEIXAMOS NO CARRO DIPLOMÁTICO O MANIFESTO COM NOSSAS DECLARAÇÕES E SEGUIMOS COM O EMBAIXADOR PRO LOCAL DO CATIVEIRO” (0'12'')*

LOC REPÓRTER: COM 20 ANOS E MEMBRO DO MR-8, CID BENJAMIN ERA MOTORISTA E UM DOS IDEALIZADORES DA AÇÃO DE CAPTURA DO EMBAIXADOR AMERICANO NO BRASIL, CHARLES ELBRICK. EM MENOS DE MEIA HORA, O GRUPO CONSEGUIRIA TODAS AS ATENÇÕES DO REGIME PARA UMA CASA DA RUA BARÃO DE PETRÓPOLIS, NO RIO DE JANEIRO.

SONORA: CID BENJAMIN *“ELE ACEITOU PELA LIBERAÇÃO DOS COMPANHEIROS PRESOS, NÓS DEMOS A LISTA NA QUINTA-FEIRA, NO*

SÁBADO JÁ FORAM EMBARCADOS PARA O MÉXICO. A ENTREGA DO EMBAIXADOR FOI MAIS COMPLICADA DO QUE A CAPTURA” (0’10’’)

LOC REPÓRTER: EM TRÊS DIAS, O EMBAIXADOR SERIA LIBERADO EM TROCA 15 PRESOS POLÍTICOS SOLTOS, ENTRE ELES O PRINCIPAL ALVO DO GRUPO, O LÍDER ESTUDANTIL VLADIMIR PALMEIRA.

SONORA: VLADIMIR PALMEIRA *“UM RETRATO DAQUELES QUINZE PRISIONEIROS NÃO CONDIZ COM O QUADRO GERAL. NÓS ESTÁVAMOS RINDO, O FINAL DA VIAGEM VALERIA A PENA E VALEU NÉ? A LIBERDADE MESMO NÃO SENDO NO SEU PRÓPRIO PAÍS ELA É SEMPRE UMA COISA INTERESSANTE” (0’12’’)*

LOC REPÓRTER: CID BENJAMIN ACABARIA PRESO, ASSIM COMO OUTROS INTEGRANTES DA AÇÃO, E SOLTO APÓS OUTRO SEQUESTRO DE EMBAIXADOR, DO ALEMÃO VON HOLLEBEN.

SOBE SOM: SOLDADOS MARCHANDO.

LOC REPÓRTER: MAS A AÇÃO ARMADA GANHAVA TAMBÉM O INTERIOR BRASILEIRO. O ENTÃO TENENTE E HOJE GENERAL REFORMADO ÁLVARO DE SOUZA PINHEIRO FOI FERIDO E COMBATEU POR MAIS DE 200 DIAS PARA ELIMINAÇÃO DA GUERRILHA DO ARAGUAIA.

SONORA: GENERAL ALVARO DE SOUZA *“E AQUELES FOCOS TINHAM QUE SER NEUTRALIZADOS POR DOIS MEIOS: OU PELA CAPTURA OU PELA ELIMINAÇÃO. O OBJETIVO ESTRATÉGICO ERA A IMPLANTAÇÃO DE UM REGIME MARXISTA, LENINISTA NO BRASIL. ISTO TEM QUE SER CORTADO NA ORIGEM ” (0’20’’)*

LOC REPÓRTER: A AÇÃO TERMINARIA COM A GUERRILHA DIZIMADA E UM MISTÉRIO QUE PERDURA ATÉ HOJE COM MAIS DE 60 CORPOS QUE NUNCA FORAM ENCONTRADOS.

SOBE SOM: CHICO BUARQUE - CONSTRUÇÃO – *“BEIJOU SUA MULHER COMO SE FOSSE A ÚLTIMA E CADA FILHO SEU COMO SE FOSSE O ÚNICO” (0’10’’)*

LOC REPÓRTER: OUTROS TANTOS GUERRILHEIROS TOMBARIAM TAMBÉM NAS CIDADES, COMO DEVANIR JOSÉ DE CARVALHO, DO MOVIMENTO

REVOLUCIONÁRIO TIRADENTES, UM DOS SEQUESTRADORES DE OUTRO EMBAIXADOR, O SUIÇO GIOVANNI BUCHER. ELE DEIXAVA O FILHO ERNESTO GUEVARA DE 3 ANOS, QUE FOI OBRIGADO A VIVER A INFÂNCIA FORA DO BRASIL.

SONORA: ERNESTO GUEVARA *“DIA CINCO DE ABRIL DE SETENTA E UM ELE ACABOU CAINDO NUMA EMBOSCADA LA NO TREMEMBÉ E A VERSÃO OFICIAL É QUE ELE FOI MORTO ALI NA HORA” (0’12’)*

SOBE SOM: ERNESTO GUEVARA - APESAR DE VOCÊ - *“HOJE VOCÊ É QUEM MANDA, FALOU TA FALADO” (0’05’)*

LOC REPÓRTER: A MÚSICA CANTADA HOJE POR ERNESTO E ESCRITA POR CHICO BUARQUE NO EXÍLIO LEVAVA ESPERANÇA A CENTENAS DE OPOSITORES DO REGIME MILITAR FORÇADOS A DEIXAR O PAÍS. ESPERANÇA QUE AUMENTAVA COM A CONCLUSÃO DO GOVERNO MÉDICI, MAS O FIM DA DITADURA LENTO, GRADUAL E SEGURO

SOBE SOM: ERNESTO GUEVARA - APESAR DE VOCÊ - *“APESAR DE VOCÊ, AMANHÃ HÁ DE SER UM NOVO DIA” (0’08’)*

ANEXO 5

5ª Reportagem (28/03/2014) - Duração: 3'50" – Lucas Scherer e Natália Godoy

SONORA: ERNESTO GEISEL *"PROMETO MANTER, DEFENDER E CUMPRIR A CONSTITUIÇÃO"* (0'08")

LOC REPÓRTER: A POSSE EM MARÇO DE 74 DO QUARTO MILITAR DA DITADURA DAVA UM SOPRO DE ESPERANÇA NA LUTA PELA DEMOCRACIA. MAS O GENERAL PROMETIA UMA ABERTURA LENTA E GRADUAL. MENOS DE UM MÊS DEPOIS DA CERIMÔNIA, O LADO SOMBRIO DO REGIME VOLTAVA A ATACAR.

SONORA: ROBERTO SOARES *"ACORDEI COM OS VIDROS DA JANELA EM CIMA DE MIM, COM AS METRALHADORAS A CASA TODA ARROMBADA. VI MEU PAI SENDO TORTURADO DENTRO DO QUARTO E ELES QUERENDO SABER NOME E EU NÃO SABENDO FALAR E EU COMEÇAVA A CHORAR, ELES ME DANDO TAPA E A GENTE AGARRANDO MEU PAI PARA NÃO DEIXAR LEVAR E DANDO PORRADA NA GENTE. MEU PAI FOI SEQUESTRADO."* (0'20")

LOC REPÓRTER: AOS DOZE ANOS, ROBERTO VIA O PAI MANOEL SOARES SER VIOLENTAMENTE ARRASTADO DE CASA POR AGENTES DE SEGURANÇA. O SINDICALISTA DE GREVES DO ABC SERIA TORTURADO, FICARIA INCOMUNICÁVEL E SÓ VOLTARIA A REVER O FILHO 9 MESES DEPOIS.

SOBE SOM: ZÉ KÉTI - ACENDER AS VELAS - INTRODUÇÃO DO SAMBA (0'02")

LOC REPÓRTER: A MESMA SORTE NÃO TERIA O JORNALISTA VLADIMIR HERZOG.

SOBE SOM: BARULHO DE PORTA DE PRESÍDIO FECHANDO

SOBE SOM: ZÉ KÉTI - ACENDER AS VELAS - *"É MAIS UM CORAÇÃO QUE DEIXA DE BATER"* (0'08")

LOC REPÓRTER: PRESO NO DIA 24 DE OUTUBRO DE 75, ACUSADO DE ENVOLVIMENTO COM O PARTIDO COMUNISTA, SERIA BRUTALMENTE TORTURADO E MORRERIA UM DIA DEPOIS NA SEDE DO DOI CODI PAULISTA.

SOBE SOM: ÁUDIO DE PROTESTO (0'02")

LOC REPÓRTER: NUMA FRAUDE QUE ENTRARIA PARA A HISTÓRIA, A VERSÃO OFICIAL DE SUICÍDIO LEVARIA MILHARES A PROTESTOS E O CASO DE VLADO SER TORNARIA UM SÍMBOLO DE LUTA CONTRA A TORTURA.

SOBE SOM: CHICO BUARQUE - JORGE MARAVILHA - *"E NÃO VALE APENA FICAR CHORANDO E RESMUNGANDO ATÉ QUANDO NÃO"* (0'06")

LOC REPÓRTER: A PRESSÃO INCLUSIVE INTERNACIONAL FORÇARIA A SOLTURA DIAS DEPOIS DE OUTROS PRESOS TORTURADOS, COMO O COMUNISTA ILDEU VIEIRA. O FILHO ILDEU JR, NUNCA ESQUECERIA DO DIA DE TERROR EM CURITIBA QUANDO TIA 17 ANOS

SONORA: ILDEU JR *"FOMOS CONDUZIDOS AO QUARTEL E ME BOTARAM UM ÓCULOS ESCUROS E MEU PAI FICOU NA CELA AO LADO DA MINHA E ATÉ ALTAS HORAS DA MADRUGADA NÓS OUVIMOS GRITOS DILACERANTES DE MEU PAI NA CELA AO LADO E ESSA ERA A MAIOR TORTURA QUE EU PODERIA SOFRER NAQUELE MOMENTO"* (0'18")

LOC REPÓRTER: UM ANO DEPOIS, UMA NOVA MORTE NO DOI CODI, DO OPERÁRIO MANUEL FIEL FILHO, PROVOCARIA UMA REAÇÃO DO REGIME AOS PORÕES COM O AFASTAMENTO DO COMANDANTE DO II EXÉRCITO, EDNARDO MELO. MESMO COM DENÚNCIAS ABUNDANTES, PARA O HOJE DEPUTADO FEDERAL JAIR BOLSONARO, NA ÉPOCA NA ACADEMIA MILITAR COM POUCO MAIS DE 20 ANOS, OS CASOS ERAM ISOLADOS.

SONORA: JAIR BOLSONARO *"TORTURA É UMA ARMA DE GUERRA, SEMPRE EXISTIU E INFELIZMENTE ESSE PESSOAL GENERALIZA, PARTE DO PARTICULAR PARA O GERAL. ALGUNS, ISOLADAMENTE, PODEM TER EXAGERADO DURANTE UM INTERROGATÓRIO OU OUTRO MAS NÃO COMO ARMA DE ESTADO, ATÉ PORQUE ISSO NÃO EXISTE, NÃO COMO POLÍTICA DE ESTADO "* (0'14")

SOBE SOM: ELIS REGINA - O BÊBADO E A EQUILIBRISTA 1979 - *"CAIA A TARDE COMO UM VIADUTO"* (0'07")

LOC REPÓRTER: LONGE DE TUDO, ANDRÉIA CURTIS SOFRIA COM MILHARES DE EXILADOS AO DEIXAR O PAÍS AOS 13 ANOS. FILHA DE MILITANTES DA VAR PALMARES, SÓ VOLTARIA 11 ANOS DEPOIS.

SONORA: DAR VAR PALMARES *"O DIA A DIA É MUITO DIFÍCIL, MUITO COMPLICADO. VOCÊ TEM MUITO RECEIO, VOCÊ TEM MUITA COBRANÇA*

*PORQUE VOCÊ SAIU, DAQUELES QUE FICARAM E LUTARAM AQUI, ENTÃO É
MUITO COMPLICADO" (0'10")*

LOC REPÓRTER: MAS O SUFOCO CANTADO POR ELIS REGINA ESTAVA
ACABANDO, É O QUE VOCÊ ACOMPANHE NA PRÓXIMA REPORTAGEM

SOBE SOM: ELIS REGINA - O BÊBADO E A EQUILIBRISTA 1979 - "*A ESPERANÇA
DANÇA*" (0'06")

ANEXO 6

6ª Reportagem (28/03/2014) - Duração: 3'48" – Lucas Scherer e Natália Godoy

SOBE SOM: SIMONE – TÔ VOLTANDO – *“PODE IR ARMANDO O CORETO E PREPARANDO AQUELE FEIJÃO PRETO, EU TO VOLTANDO”*. (0'05")

SONORA: *“A ANISTIA TEM JUSTAMENTE ESTE SENTIDO: DE CONCILIAÇÃO PARA A RENOVAÇÃO”*. (0'05")

SONORA: *“PEDE A ANISTIA AMPLA E IRRESTRITA”* (0'03")

SOBE SOM: SIMONE – TÔ VOLTANDO – *“QUERO TE ABRAÇAR, PODE SE PERFUMAR PORQUE EU TÔ VOLTANDO”* (0'09")

SONORA: VLADIMIR PALMEIRA *“EU VOLTO [...] POR QUE EU VIM ENTENDEU, E VOU TRAVAR A LUTA QUE SEMPRE TRAVEI PELA DERRUBADA DA DITADURA MILITAR E DO REGIME”* (0'06")

LOC REPÓRTER: A PALAVRA DO LÍDER ESTUDANTIL VLADIMIR PALMEIRA NA CHEGADA AO AEROPORTO DO RIO DE JANEIRO APÓS DEZ ANOS DE EXÍLIO, REPRESENTAVA MILHARES DE EXILADOS QUE VOLTAVAM AO BRASIL. A LEI ASSINADA PELO ÚLTIMO PRESIDENTE DA DITADURA, JOÃO FIGUEIREDO, ANISTIAVA, TAMBÉM, TORTURADORES. MAS O QUE VLADIMIR LEMBRA MESMO, 35 ANOS DEPOIS DO DESEMBARQUE, ERA DA FESTA DA CHEGADA.

SONORA: VLADIMIR PALMEIRA *“QUANDO EU VOLTEI TEVE MUITA FESTA. FOMOS MUITO BEM RECEBIDO, MUITA FESTA PRA NÓS. COMEMOREI BASTANTE!* (0'07")

LOC REPÓRTER: NO ENTANTO, NEM TUDO ERA ALEGRIA.

SOBE SOM: MÚSICA DE SUSPENSE

LOC REPÓRTER: NA MESMA ÉPOCA, MARIA OLIVEIRA ENCONTRAVA UMA FOTO DO IRMÃO MORTO AOS DEZENOVE ANOS. ALI ACABAVA A ESPERA PELO ESTUDANTE DE ECONOMIA, DESAPARECIDO APÓS PRISÕES QUE COMEÇARAM NO CONGRESSO DE IBIÚNA. DA UNE. EM SESSENTA E NOVE.

SONORA: MARIA OLIVEIRA *“A GENTE SEMPRE TINHA A ESPERANÇA DE QUE ELE IA VOLTAR. É MUITO TRISTE. VOCÊ SEMPRE VAI TER ELE NO SONHO. DAQUELE QUE FOI EMBORA SEM VOCÊ TER A CONDIÇÃO DE VER ESSA PESSOA, NUNCA MAIS. (0’10”)*

SOBE SOM: SOLDADOS MARCHANDO

LOC REPÓRTER: O REGIME CHEGAVA AOS ÚLTIMOS ANOS MAS A PRESENÇA DA TROPA AINDA ERA GRANDE NA REGIÃO POR ONDE PASSOU A GUERRILHA DO ARAGUAIA. É O QUE LEMBRA, DE MARABÁ, O ENTÃO MENINO DE TREZE ANOS, ZEZEU ROCHA JUNIOR.

SONORA: ZEZEU JUNIOR *“A MINHA CIDADE AINDA ERA UMA CIDADE CONTROLADA POR MILITARES E PERMANECEU ASSIM POR MUITO TEMPO” (0’07”)*

SOBE SOM: GONZAGUINHA – COMPORTAMENTO GERAL – *“ SÃO PALAVRAS QUE AINDA TE DEIXAM DIZER POR SER HOMEM BEM DISCIPLINADO” (0’06”)*

SOBE SOM: BARULHO DE EXPLOSÃO

SONORA: *“EXPLODIRAM BOMBAS... REPRESENTAM UMA LUTA PARA DESTRUIR AQUILO QUE NÓS TODOS QUEREMOS: UMA DEMOCRACIA RUMO A LIBERDADE” (0’12”)*

LOC REPÓRTER: EM 1981, A BOMBA NO SHOW PARA O DIA DO TRABALHADOR, NO RIO CENTRO, EXPLODIU ANTES DA HORA E MATOU UM SARGENTO. A AÇÃO MOSTRAVA O DESESPERO DE UMA ALA MILITAR CONTRA A INEVITÁVEL RETOMADA DEMOCRÁTICA. O PRESIDENTE DA ONG TERRORISMO NUNCA MAIS, GENERAL PAULO CHAGAS, NA ÉPOCA CAPITÃO, LEMBRA DA REPERCUSSÃO NEGATIVA.

SONORA: GENERAL PAULO CHAGAS *“FOI MUITO RUIM, FOI UM DESGASTE MUITO GRANDE PRO REGIME. O SENHOR PRESIDENTE FIGUEIREDO MUITO INCOMODADO. O REGIME JÁ TINHA CHEGADO AO FIM QUANDO ACONTECEU. (0’10”)*

SOBE SOM: MILTON NASCIMENTO – CORAÇÃO DE ESTUDANTE – *“DESVIARAM SEU DESTINO, SEU SORRISO DE MENINO” (0’10”)*

LOC REPÓRTER: A ESPERANÇA TOMAVA O BRASIL COM A CAMPANHA DIRETAS AO SOM DE CORAÇÃO DE ESTUDANTE, NA VOZ DE MILTON NASCIMENTO. MAS A DEMOCRACIA COMEÇAVA A SER RETOMADA COM UMA DERROTA, COMO LEMBRA O EX PRESIDENTE DA UNE E PRESO POLÍTICO, JEAN MARC VON DER WEID.

SONORA: JEAN MARC VON DER WEID *“AS DIRETAS FORAM UM EVENTO IMPORTANTE NO PONTO DE VISTA DA CONSOLIDAÇÃO DE UM SENTIMENTO DEMOCRÁTICO NO PAÍS MAS NÓS NÃO CHEGAMOS A CONSEGUIR A RUPTURA QUE ERA UMA QUESTÃO, QUE ERA BUSCADA HÁ MUITO TEMPO.*

(0’13’’)

SONORA: *“A PROPOSTA FOI REJEITADA PELA CÂMARA! ESTÁ ENCERRADA A SESSÃO! (0’07’’)*

SOBE SOM: HINO NACIONAL – *“DO QUE A TERRA MAIS GARRIDA”*

LOC REPÓRTER: NO ENTANTO, O RETORNO DA JUVENTUDE E DE TODA A SOCIEDADE ÀS RUAS, MOSTRAVA QUE O FIM DOS ANOS DE CHUMBO NÃO TINHA MAIS VOLTA. NA ÚLTIMA REPORTAGEM DA SÉRIE: O QUE APRENDEMOS APÓS CINQUENTA ANOS DO GOLPE MILITAR?

ANEXO 7

7ª Reportagem (31/03/2014) - Duração: 3'50'' – Lucas Scherer e Natália Godoy

SOBE SOM: CORNETAS.

LOC REPÓRTER: TRINTA E UM DE MARÇO DE 1964. INICIAVA UMA LOOOONGA DITADURA DE 21 ANOS.

SOBE SOM: COMPILADO DE ÁUDIOS DE MOMENTOS HISTÓRICOS AO LONGO DA DITADURA, SONORAS AO LONGO DA REPORTAGEM E SONOPLASTIA *“ALMIRANTE ARAGÃO, NÃO SE APROXIME PORQUE EU TE MATO COM MEU REVÓLVER!... REVOLUÇÃO BRASILEIRA NAS RUAS, DEPOSTO O SENHOR JOÃO GOULART... E SEMPRE VÃO APELAR PRA VIOLÊNCIA...O GENERAL EMILIO GARRASTAZU MÉDICE É O VIGÉSIMO OITAVO PRESIDENTE... INVADIRAM MINHA CASA, ME DERAM UMA CORONHADA E ALI FOMOS VIOLENTAMENTE ESPANCADOS...QUE RETORCIA COISA NENHUMA, O QUE É DEMOCRACIA? DEMOCRACIA É APLICAÇÃO DA LEI!... ESPERO VER OS ANISTIADOS EMPREGADOS NA VIDA NACIONAL... DECLARO PROMULGADA!...O DOCUMENTO DA LIBERDADE, DA DEMOCRACIA! (0'37'')*

SOBE SOM: ELIS POR ELES - O BÊBADO E A EQUILIBRISTA (PEDRO MARIANO) - *"QUEEE SUFOCOOO" (0'06'')*

LOC REPÓRTER: PASSADOS 50 ANOS DO GOLPE MILITAR, O QUE APRENDEMOS? PARA ILDEU AFONSO JR. PRESO EM SETENTA E CINCO, AOS DEZESSETE, ANOS E TORTURADO AO LADO DO PAI COMUNISTA, É PRECISO SEMPRE LEMBRAR PARA QUE O PASSADO NÃO SE REPITA.

SONORA: ILDEU VIEIRA *“NO GERAL EU ACHO QUE FOI UMA LÁSTIMA, FOI QUASE UMA IDADE MÉDIA. FORA QUE, GERALMENTE SE REPTE E SE REPETE COMO FARSA NÉ?” (0'16'')*

LOC REPÓRTER: JÁ O GENERAL ÁLVARO DE SOUZA PINHEIRO, UM DOS COMBATENTES DO EXTERMÍNIO DE GUERRILHEIROS DO ARAGUAIA, APONTA PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PERÍODO.

SONORA: GENERAL PINHEIRO *"INICIOU UMA VERDADEIRA REGENERAÇÃO DO BRASIL, QUE ERA A QUADRAGÉSIMA OITAVA ECONOMIA DO MUNDO E SE TRANSFORMA NA OITAVA" (0'14")*

SOBE SOM: FERNANDA PORTO - RODA VIVA - *"O TEMPO ESTANCOU DE REPENTE ÀS VOLTAS COM O MEU CORAÇÃO" (0'06")*

LOC REPÓRTER: PARA O MILITANTE DO MR8, ORGANIZADOR DO SEQUESTRO DO EMBAIXADOR CHARLES ELBRICK AOS 20 ANOS, PRESO E EXILADO, CID BENJAMIN SÓ HÁ UMA LIÇÃO DOS ANOS DE CHUMBO

SONORA: CID BENJAMIN *"NÃO VALE A PENA REPETÍ-LO. INTERROMPEU UM CONJUNTO DE MEDIDAS EXTREMAMENTE POSITIVAS, QUE FARIAM UM PAÍS MAIS FRATERNAL" (0'14")*

LOC REPÓRTER: MUDANÇAS QUE NA ÉPOCA REPRESENTAVAM UM RISCO, SEGUNDO O CORONEL MANOEL SORIANO NETO QUE AOS VINTE E DOIS ANOS FEZ PARTE DO DESTACAMENTO TIRADENTES DE MINAS GERAIS, O PRIMEIRO REBELDE EM SESSENTA E QUATRO.

SONORA: CORONEL SORIANO *"ORDEM FOI REESTABELECIDADA, PAZ PÚBLICA A PAZ SOCIAL. ESSA GUERRA CIVIL IRIA OCORRER, MAIS CEDO OU MAIS TARDE, SE NÃO FOSSE A INTERVENÇÃO DE SESSENTA E QUATRO" (0'10")*

SOBE SOM: CHARLIE BROWN JR. - PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES - *"QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER" (0'06")*

LOC REPÓRTER: MAS A LUTA CONTRA A DITADURA AINDA NÃO ACABOU NA VISÃO DE OUTRO PRESO E TORTURADO DO REGIME, O HOJE DEPUTADO ADRIANO DIOGO.

SONORA: DEPUTADO ADRIANO DIOGO *"MEMÓRIA, VERDADE E QUALÉ A JUSTIÇA? O JULGAMENTO DOS CRIMES. NÓS NÃO CHEGAMOS À VERDADE" (0'12")*

LOC REPÓRTER: MARIA RITA - COMO NOSSOS PAIS *"QUERO LHE CONTAR O QUE EU VIVI E TUDO O QUE ACONTECEU COMIGO" (0'07")*

LOC REPÓRTER: O MILITANTE DO MRT IVAN SEIXAS, QUE PERDEU O PAI PARA OS PORÕES DO DOI CODI E FOI TORTURADO AO LADO DELE AOS 16 ANOS, HÁ MUITO O QUE APRENDER.

SONORA: IVAN SEIXAS *“AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO SÃO A MAIOR DEMONSTRAÇÃO DISSO. PORQUE OS MANIFESTANTES DE HOJE, AINDA COM A CABEÇA DA DITADURA, NÃO PERMITIAM. MESMO ASSIM A POPULAÇÃO INSISTIU EM IR PRAS RUAS E AI NÃO TEVE OUTRO JEITO A NÃO SER PERMITIR. ” (0’18”)*

SOBE SOM: MARIA RITA - COMO NOSSOS PAIS *“EU SEI DE TUDO NA FERIDA VIVA DO MEU CORAÇÃO” (0’07”)*

LOC REPÓRTER: LONGOS 21 ANOS DE REGIME FORMARAM UMA GERAÇÃO DE FILHOS DA DITADURA, QUE NOS CINQUENTA ANOS DO GOLPE NÃO DEIXAM QUE O BRASIL ESQUEÇA A HISTÓRIA. COM PRODUÇÃO DE RODRIGO NUNES, SONORIZAÇÃO DE WEVERTON BORGES, EDIÇÃO DE RODRIGO ORENGO.

SOBE SOM: MARIA RITA - COMO NOSSOS PAIS *“AINDA SOMOS OS MESMOS E VIVEMOS COMO NOSSOS PAIS”*